

Universidade de Évora - Escola de Artes

Mestrado Integrado em Arquitetura

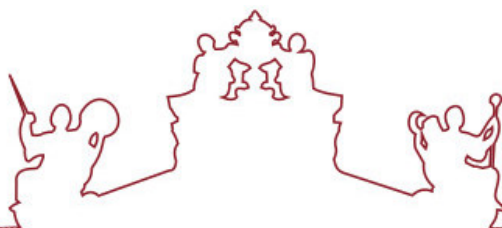
Trabalho de Projeto

**Percorrer a Paisagem de Alcácer do Sal. Ensaio projetual
para uma Nova Comunidade em Arez.**

Isabel Tavares Cordeiro

Orientador(es) | João Gabriel Soares

Évora 2026



Universidade de Évora - Escola de Artes

Mestrado Integrado em Arquitetura

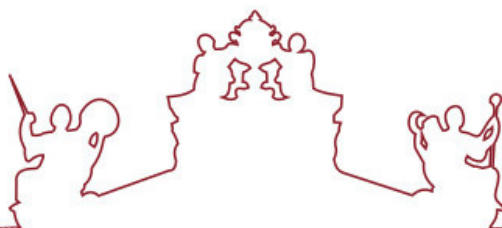
Trabalho de Projeto

**Percorrer a Paisagem de Alcácer do Sal. Ensaio projetual
para uma Nova Comunidade em Arez.**

Isabel Tavares Cordeiro

Orientador(es) | João Gabriel Soares

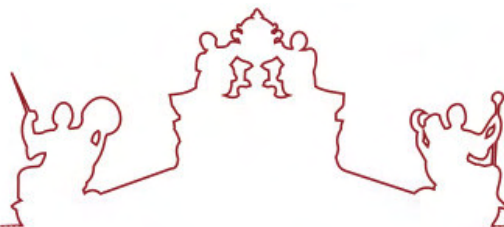
Évora 2026



O trabalho de projeto foi objeto de apreciação e discussão pública pelo seguinte júri nomeado pelo Diretor da Escola de Artes:

Presidente | Pedro Guilherme (Universidade de Évora)

Vogais | João Gabriel Soares (Universidade de Évora) (Orientador)
Nuno Baptista Rodrigues (Estúdio de Arquitetura OITOO) (Arguente)



Universidade de Évora - Escola de Artes

Mestrado Integrado em Arquitetura

Trabalho de Projeto

**Percorrer a Paisagem de Alcácer do Sal. Ensaio projetual
para uma Nova Comunidade em Arez.**

Isabel Tavares Cordeiro

Orientador(es) | João Gabriel Soares

Évora 2025

Este trabalho de projeto não inclui as críticas e as sugestões feitas pelo júri.



Universidade de Évora – Escola de Artes

Mestrado Integrado em Arquitetura

Trabalho de Projeto

Percorrer a Paisagem de Alcácer do Sal.
Ensaio projetual para uma Nova Comunidade em Arez.

Isabel Tavares Cordeiro

Orientador | Professor João Gabriel Soares
Évora 2026

Agradecimentos

Dedico estas breves palavras a todos os que caminharam comigo ao longo deste trabalho. Agradeço, em primeiro lugar, ao meu orientador Professor João Soares pela disponibilidade, rigor, paciência e motivação.

Aos meus colegas de atelier, com quem aprendi que a arquitetura se constrói no diálogo e em grupo.

À minha família, especialmente aos meus queridos pais, por todo o apoio, amor incondicional e sacrifício silencioso. Ao meu irmão e tios por me apoiarem. Aos meus amigos, por saberem compreender as ausências e por acreditarem em mim.





Fig.1- Imagem da aldeia de Arez tirada por drone, autoria do colega David Brito

Índice	
Resumo	11
Abstract	12
Enquadramento Temático e Relevância do Tema	14
Objetivos	16
Estado da Arte	18
Metodologia	20
Estrutura do Trabalho	22
1. Contexto e Enquadramento Territorial	
1.1. A Bacia Hidrográfica do Sado	24
1.2. O Território de Alcácer do Sal	26
1.3. A Localidade de Arez	28
1.4. Leitura Territorial e Paisagística	30
1.5. Relações entre Território, Água e Estrutura Urbana	
2. Contexto Académico e Processo Coletivo	
2.1. O Trabalho Desenvolvido em Atelier	32
2.2. A Dinâmica de Grupo e as Propostas dos Colegas	40
2.3. Reflexão Conjunta e Aprendizagens Partilhadas	44
3. Contexto Urbano e Lugar de Intervenção	
3.1. O Terreiro de Arez	46
3.2. Leitura Morfológica e Identidade Local	49
3.3. Interpretação do Lugar: O Contexto Urbano a partir das Soluções Coletivas	52
3.4. Potencialidades e Limitações da Proposta Coletiva	54
4. Casos de Referência	
4.1. Espaço Público Urbano: Praças e Terreiros	56
4.2. Mercados como Infraestruturas de Comunidade	58
4.3. Galerias e Stoas: Arquiteturas de Transição	60
4.4. Torres e Elementos Verticais no Espaço Público	62
4.5. Mobiliário Urbano, o Sentido da Escala Humana	64
5. Projeto	
5.1. Estratégia Geral de Intervenção	68
5.2. O Mercado — Edifício de Apoio à Comunidade	76
5.3. A Galeria — Espaço de Transição e Convívio	78
5.4. A Torre com Fonte — Marco e Elemento de Identidade	80
5.5. Os Bancos — Pontos de Permanência e Relação com o Espaço	82
6. Conclusões	104
6.1. Síntese dos Resultados	
6.2. Contributos do Projeto para o Espaço Público	
7. Considerações Finais	106
7.1. Reflexão Pessoal sobre o Processo	
7.2. Possíveis Desdobramentos e Continuidade do Trabalho	
8. Índice de Imagens	108
9. Bibliografia e Webgrafia	110

**Percorrer a Paisagem de Alcácer do Sal.
Ensaio projetual para uma Nova Comunidade em Arez.**

Resumo

A investigação constitui-se enquanto abordagem projetual desenvolvida realizado na unidade curricular de Projeto Avançado III no ano letivo de 2023|2024, teve como docentes os professores convidados os arquitetos Paulo Martins Barata, Nuno Rodrigues e o professor João Soares. O trabalho estrutura-se ao longo do processo de conceção e reflexão e na articulação entre dois domínios complementares: o domínio de projeto, centrado na proposta arquitetónica, e o domínio de investigação, de carácter histórico, territorial e temático.

O objetivo principal é propor uma resposta à crise habitacional contemporânea, articulando-a com os ideais de liberdade e participação coletiva evocados pela exposição “Mais do que Casas: Como vamos habitar em abril de 2074?”. Esta reconhece que o direito à cidade ultrapassa uma mera “escassez de casas” e a sua reflexão foca-se na criação de espaços de convivência e identidade, indispensáveis à coesão social e à vitalidade dos territórios. Deste modo, este desafio é contextualizado pelo grande crescimento económico e industrial de Sines que gera mais emprego e consequentemente necessidade de mais habitação. Em resposta, o projeto propõe a criação de um núcleo habitacional em Arez, estruturado com um mercado comunitário e uma galeria exterior como catalisadores de encontro e dinamização social. Estes espaços assumem-se como infraestruturas de vizinhança, promotoras de trocas materiais e simbólicas, que fortalecem a noção de comunidade e ampliam o conceito de habitar.

Na procura de uma hipótese urbana e arquitetónica, o trabalho confronta-se com:

1) Aspectos objetivos como a relação com a estrutura viária existente e o enquadramento territorial e paisagístico — um território de pinhal, azinhal e arrozal no âmbito da bacia do Sado;

2) Questões programáticas e construtivas, que visam a integração equilibrada entre o edificado e a paisagem natural;

3) Dimensões sociais e simbólicas do espaço coletivo, entendendo a arquitetura como instrumento de mediação entre o indivíduo, a comunidade e o território.

4) Considera-se o valor metodológico do trabalho em atelier com outros colegas, que encarando o mesmo desafio constituem-se no conjunto de reflexões produzidas num efetivo e maturado estado dos conhecimentos sobre áreas e temas associados.

Assim, o projeto procura entender como se lida com as questões de conceção de uma base urbana “ex-novo”, focando em questões como a tipologia urbana e a linguagem arquitetónica.

Palavras-chave: Arez. Urbanização. Habitação. Alcácer do Sal. Mercado. Galeria. Terreiro.

Walking the Landscape of Alcácer do Sal. A Design Essay for a New Community in Arez.

Abstract

This research constitutes a design-based approach developed within the curricular unit of Advanced Project III during the academic year 2023/2024, under the guidance of invited professors and architects Paulo Martins Barata, Nuno Rodrigues, and Professor João Soares.

The work is structured throughout the design and reflection process, articulating two complementary domains: the project domain, focused on the architectural proposal, and the research domain, which is historical, territorial, and thematic in nature.

The main objective is to propose a response to the contemporary housing crisis, linking it to the ideals of freedom and collective participation evoked by the exhibition "More than Houses: How will we inhabit in April 2074?" This exhibition acknowledges that the right to the city goes beyond a mere "shortage of houses," focusing its reflection on the creation of spaces for conviviality and identity, which are indispensable for social cohesion and the vitality of territories.

Thus, this challenge is contextualized by the significant economic and industrial growth of Sines, which generates more employment and consequently a greater need for housing. In response, the project proposes the creation of a housing cluster in Arez, structured around a community market and an outdoor gallery as catalysts for social encounter and dynamization. These spaces assume the role of neighborhood infrastructures, promoting material and symbolic exchanges that strengthen the notion of community and expand the concept of inhabitation.

In seeking an urban and architectural hypothesis, the work grapples with.

1) Objective aspects such as the relationship with the existing road network and the territorial and landscape context — a territory of pine forests, cork oak groves, and rice paddies within the Sado basin;

2) Programmatic and constructive issues, aiming for a balanced integration between the built environment and the natural landscape;

3) Social and symbolic dimensions of collective space, understanding architecture as a tool for mediation between the individual, the community, and the territory;

4) The methodological value of studio work with other colleagues who, facing the same challenge, contribute to a body of reflections that constitutes an effective and mature state of knowledge regarding the associated areas and themes.

Thus, the project seeks to understand how to deal with the design issues of an "ex-novo" urban base, focusing on questions such as urban typology and architectural language.

Keywords: Arez. Urbanization. Housing. Alcácer do Sal. Market. Gallery. Terreiro.



Fig.2- Imagem da flora de Arez, autoria do colega David Brito

Enquadramento Temático e Relevância do Tema

A proposta de projeto contém inerentemente uma multiplicidade de temas que se podem declinar nestes 4 principais âmbitos:

1-Relação entre uma nova proposta de espaço urbano com a incipiente estrutura de Arez.

2- Questão da forma urbana e linguagem arquitetónica.

3- Resposta à crise habitacional, articulada com a necessidade de novos núcleos habitacionais decorrentes do crescimento em Sines.

4- A arquitetura como fundação de novos lugares em territórios de transição em contextos não urbanos.

O trabalho apresenta-se na junção entre 3 questões contemporâneas fundamentais da arquitetura contemporânea: 1) a crise habitacional, 2) a criação de espaço público comunitário e 3) o papel da arquitetura como agente da transformação social. Isto parte dos princípios ideológicos da Revolução do 25 de abril de 1974 (onde foram discutidos de modo democrático os direitos à habitação e à cidade), esta investigação procura questionar os modelos atuais da produção do habitat, que frequentemente dão prioridade à quantidade de habitação em detrimento da qualidade do espaço público e das ligações sociais que este pode fomentar.

Desta forma, o tema enquadra-se numa abordagem conceptual caracteriza pela noção de que a habitação não se limita unicamente às casas ou apartamentos o espaço circunscrito de habitação de núcleos familiares, mas engloba todo o espaço público que é imprescindível para a vida em comunidade. Assim, esta pesquisa não se circunscreve à tipologia da habitação, mas ao facto de programas comunitários (como o mercado e a galeria) funcionarem como catalisadores urbanos e (re)geradores de identidade coletiva.

Relativamente ao contexto territorial, este estudo materializa-se na bacia hidrográfica do Sado, próximo de Alcácer do Sal, um território de transição entre pinhal, azinhal e arrozal. Desta forma, este projeto permite desenvolver uma resposta à integração entre a comunidade, arquitetura e natureza num espaço não urbano.

Consideram-se tais temas relevantes uma vez que se inserem numa discussão atual sobre o papel da arquitetura na recuperação e atualização de conceitos de participação e vida comunitária. Também, demonstra como o contexto e o território, juntamente com o desenvolvimento do projeto arquitetónico, são impactados e alimentados mutuamente. Por se localizar na proximidade da aldeia de Arez, em Alcácer do Sal, o trabalho apresenta-se como um estudo de caso detalhado e concreto. De forma que este estudo pode incentivar o pensamento relativamente ao desenvolvimento urbano em zonas despovoadas e onde a paisagem é uma fundação de novos lugares.

A relevância social está inerente, na medida que uma crise habitacional é também uma crise de espaço público. A proposta como espaço comunitário que engloba outros programas igualmente importantes, gera um contributo programático passível, talvez, de ser usado em futuras intervenções. Este estudo afirma que resolver a crise habitacional exige simultaneamente resolver o espaço público envolvente. O projeto demonstra como a arquitetura pode ter um papel importante convertendo um simples conjunto de habitações numa verdadeira comunidade.

Objetivos

Analisar e diagnosticar o contexto territorial e paisagem da bacia do Sado, do Concelho de Alcácer do Sal e da localidade de Arez, identificando as suas dinâmicas biofísicas, as causas e os efeitos da sua condição socioeconómica atual, e os elementos patrimoniais e paisagísticos a valorizar.

Interpretar criticamente o lugar da intervenção através de uma leitura morfológica do Terreiro de Arez e do debate coletivo gerado no atelier académico, sintetizando as suas potencialidades, limitações e uma visão partilhada para o seu futuro.

Construir um quadro de referências projetuais através da análise de casos paradigmáticos de espaço público, mercados, galerias e mobiliário urbano, extraíndo princípios espaciais, programáticos e materiais aplicáveis ao contexto de Arez.

Conceber e desenvolver uma proposta arquitetónica especulativa materializada num sistema de peças complementares (Torre-Fonte, Galeria, Mercado e mobiliário urbano), que redefina o terreiro como um espaço público multifuncional e agregador.

Comunicar o processo de investigação e a proposta final de forma clara e rigorosa, através de desenhos, modelos, memória descritiva e argumentação escrita, contribuindo para o debate disciplinar sobre o papel da arquitetura na fundação de comunidades num espaço não urbano.

Estado da Arte

O trabalho confronta-se com dois âmbitos de investigação fundamentais: a regeneração de comunidades em territórios caracterizados pelo despovoamento e o papel da arquitetura na criação de uma resposta através da criação de espaço comunitário.

Para o primeiro âmbito, considera-se a obra “The Architecture of Community” de Léon Krier (2009), que defende princípios de planeamento urbano baseados na escala humana, na mistura de usos e na criação de espaços públicos que proporcionem a coesão social. Estes princípios são relevantes para intervir num contexto como a Nova Arez, onde se pretende reintroduzir um sentido de lugar e comunidade. Paralelamente, o livro “Ruralismo: Uma Alternativa de Futuro” de Fernando Terán (2019) oferece uma visão crítica sobre o desenvolvimento de áreas rurais, argumentando contra o seu abandono e a favor de uma revitalização fundamentada nas suas identidades específicas e no potencial dos seus recursos locais, o que informa diretamente a proposta de um mercado comunitário como motor económico e social.

Para o segundo âmbito, a investigação projetual desenvolvida por arquitetos como Alison & Peter Smithson, nomeadamente no ensaio “Markers on The Line, Canavaccio, Urbino” (1991), é fundamental. Neste trabalho, os arquitetos exploram a noção de arquitetura como marcação e estruturação de um lugar no território através de elementos discretos que promovem o encontro, uma ideia que ressoa na proposta da galeria exterior como elemento marcante de um lugar de permanência e referência na paisagem. De modo similar, a obra da paisagista Teresa Moller, como demonstrado no projeto “Punta Pite, Chile” (2007), exemplifica um cuidado na intervenção mínima e no desenho de uma relação íntima com a paisagem, princípios transferíveis para a integração sensível da proposta na paisagem agrícola da bacia do Sado.

Finalmente, a reflexão beneficia também da consulta de dissertações de mestrado que abordam desafios semelhantes em contextos territoriais sensíveis. Destacam-se a dissertação de Inês Miquelina Malhador, intitulada “Abrigo sobre as dunas: um novo modo de habitar temporário no estuário do Sado” (2021), que estuda a relação frágil entre habitação, temporalidade e paisagem natural, e a de Sylvie Teixeira Claro intitulada “Aquae Ducto: proposta de percurso para a Água de Prata” (2020), que explora a criação de uma infraestrutura como elemento de valorização do património e de ligação a um território.



Metodologia

A organização do trabalho pretende levantar questões e temas que posteriormente servem de filtro para uma compreensão da parte de projeto. Assim sendo, a primeira parte é relativa à dissertação teórica e a segunda parte ao projeto prático realizado posteriormente.

O trabalho é organizado em duas partes e baseia-se na análise de projetos de habitação e urbanização, relacionando a paisagem, aldeia e espaço, tentando de informar o projeto prático como processo criativo e de resposta a um problema da aldeia.

Foram ensaiadas hipóteses de projeto partindo de um estudo com maquetes e outros elementos gráficos como plantas representadas desde a escala 1/2000 à escala 1/1000 como forma de compreender a zona de intervenção e a sua envolvente.

Foram feitas reuniões de trabalho de campo como fotografias do local, estudo topográfico e representação da vegetação, especificamente das árvores. Este estudo foi útil, na medida em que serviu de apoio e de matriz para o desenho do projeto, posteriormente realizou-se um estudo sobre o Layout, espaço público e estudo das tipologias habitacionais.



Fig.3- Imagem da aldeia de Arez tirada por drone, autoria do colega David Brito

Estrutura do Trabalho

A presente dissertação estrutura-se em nove capítulos, organizados de forma a guiar o leitor numa progressão lógica, que parte do contexto mais amplo, e culmina na proposta projetual concreta e nas suas conclusões. A organização reflete o duplo domínio da investigação teórico-contextual e projetual e a sua mútua alimentação ao longo do processo.

Capítulo 1: Introdução

Estabelece os fundamentos da investigação, definindo o enquadramento temático, a relevância do estudo, o objeto e problema de investigação e os objetivos. Apresenta ainda uma revisão crítica do conhecimento existente (Estado da Arte) e descreve a metodologia.

Capítulo 2: Contexto e Enquadramento Territorial.

Aborda a investigação numa escala macro, analisando a Bacia Hidrográfica do Sado e descendo, progressivamente, ao território de Alcácer do Sal e à localidade de Arez. Efetua uma leitura da paisagem e das relações entre o território, a água e a estrutura urbana, fornecendo a base indispensável para a intervenção.

Capítulo 3: Contexto Académico e Processo Coletivo.

Documenta e reflete sobre o contexto imediato da criação do trabalho: o atelier de Projeto Avançado III. Analisa a dinâmica de grupo, as propostas dos colegas e as aprendizagens partilhadas, reconhecendo o seu valor metodológico e maturado sobre a área de intervenção.

Capítulo 4: Contexto Urbano e Lugar de Intervenção

Foca no sítio específico, o Terreiro de Arez. Realiza uma leitura morfológica e interpretativa do lugar, identificando as suas potencialidades e limitações fase as soluções coletivas desenvolvidas, definindo os parâmetros críticos que devem informar a proposta.

Capítulo 5: Casos de Referência

Constrói um quadro de referências projetuais organizado por temas diretamente relacionados com a intervenção: espaço público e terreiros, mercados comunitários, galerias como espaços de transição, elementos verticais identitários e mobiliário urbano. A análise destes casos fornece um repertório crítico de soluções espaciais e estratégias.

Capítulo 6: Projeto

Constitui o cerne da resposta arquitetónica. Expõe a estratégia geral de intervenção e desenvolve em detalhe os quatro elementos que materializam a proposta: a Torre com Fonte (marco identitário), o mobiliário urbano (pontos de permanência), a Galeria (espaço coberto de convívio e transição) e o Mercado (edifício de apoio e infraestrutura comunitária).

Capítulo 7: Conclusão

Sintetiza os principais resultados e argumentos desenvolvidos ao longo da dissertação, explicitando os contributos específicos do projeto para o debate sobre o espaço público e a revitalização de territórios em risco de desertificação.

Capítulo 8: Considerações Finais – Oferece uma reflexão sobre o percurso metodológico e o processo de aprendizagem, e aponta possíveis futuros e linhas de investigação que o trabalho poderá suscitar.

Capítulos 9 e 10: Índices e Referências – Incluem o Índice de Imagens, a Bibliografia e a Webgrafia, assegurando a correta referência de todas as fontes consultadas e a clareza na localização dos elementos gráficos.

Esta estrutura pretende constituir-se numa narrativa clara e coerente, demonstrando como a investigação contextual, teórica e coletiva informa decisivamente a conceção de uma proposta arquitetónica que se pretende fundamentada, sensível ao lugar e socialmente relevante.





1. Contexto e Enquadramento Territorial

1.1. A Bacia Hidrográfica do Sado

A Bacia Hidrográfica do Sado constitui o quadro territorial no qual se insere a presente investigação. Como uma das principais unidades paisagísticas e ecológicas do sul de Portugal, esta bacia define um território caracterizado pela sua relação intrínseca com o Rio Sado e pelos ecossistemas ribeirinhos, estuarinos e agrícolas que dele dependem.

A sua morfologia é moldada por uma interação entre o curso de água principal, a rede hidrográfica tributária, as planícies aluviais – onde se destacam os arrozais –, e as áreas de pinhal e montado. Esta configuração gerou, ao longo dos séculos, uma ocupação humana intimamente ligada aos recursos hídricos e ao potencial agrícola, definindo padrões de povoamento, vias de comunicação e ciclos económicos.

Mais do que um simples recorte geográfico, a bacia é entendida aqui como um sistema vivo, onde se sobrepõem camadas de história, cultura e modos de vida. A sua compreensão é fundamental para qualquer intervenção projetual, pois é este contexto que confere significado e orientação à escala local do lugar de intervenção. A dinâmica da água, a textura das paisagens agrícolas e a estrutura dos aglomerados urbanos são parâmetros essenciais que informarão toda a reflexão e proposta subsequentes, enraizando o projeto numa lógica. (Agência Portuguesa do Ambiente, 2016)

(Agência Portuguesa do Ambiente. (2016). Plano de Gestão da Região Hidrográfica do Sado (RH6) – Parte 2. Ministério do Ambiente.)

Fig.4- Imagem de satélite feita a partir do QGIS, demonstrativa de toda a área desde Alcácer do Sal a Arez.

MAPA 1 - ENQUADRAMENTO GEOGRÁFICO DO CONCELHO DE ALCÁÇER DO SAL

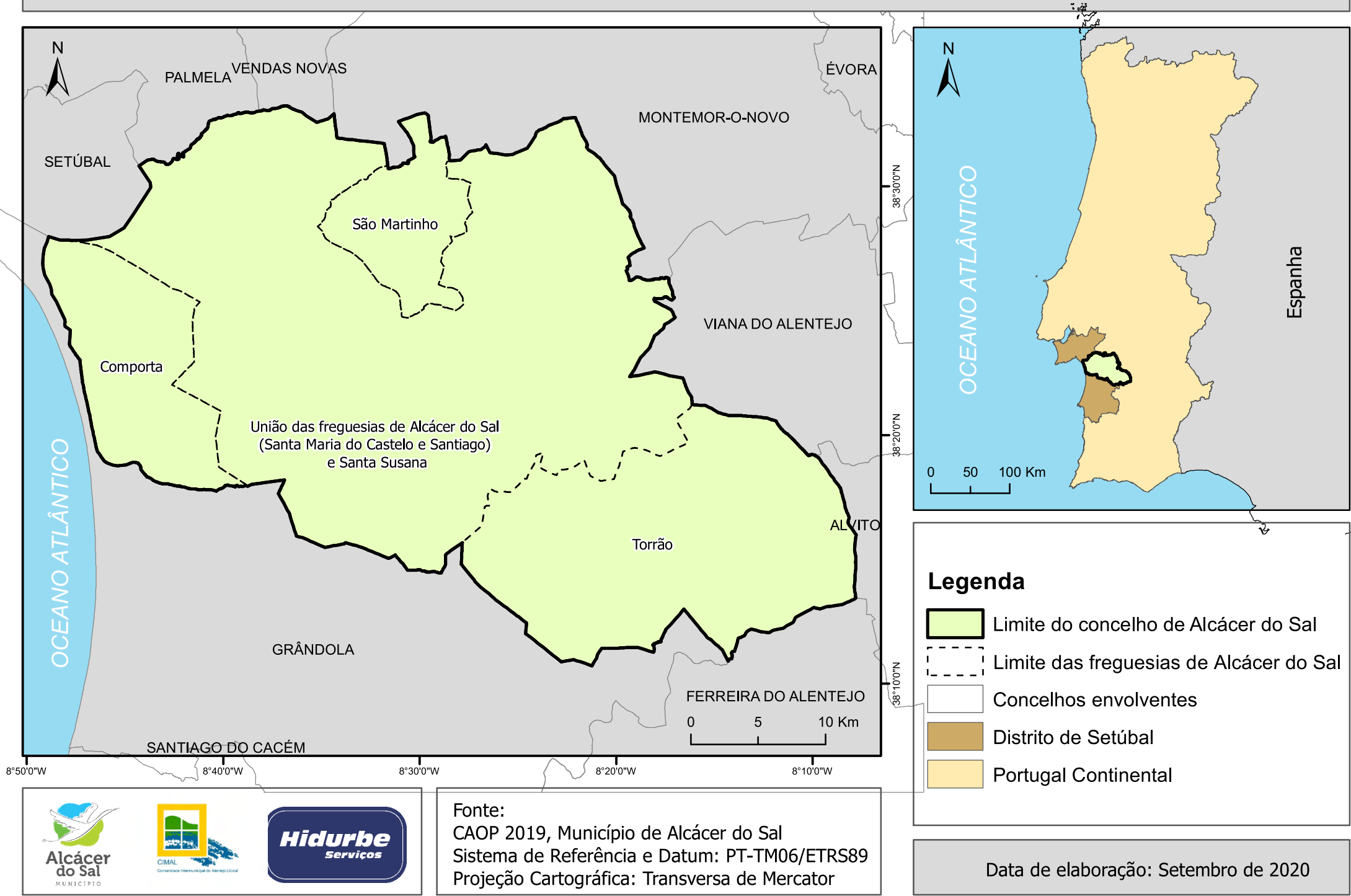


Fig.5- Imagem de um grafico sobre o enquadramento geográfico do concelho de Alcácer do Sal

1.2. O Território de Alcácer do Sal

Situado no Alentejo Litoral, o território de Alcácer do Sal define-se pela sua relação histórica e estruturante com o Rio Sado. A sua localização ao longo do curso médio do rio moldou uma identidade ligada à água e a uma economia tradicional baseada nos recursos locais. O concelho, organizado em quatro freguesias: Alcácer do Sal, Torrão, S. Martinho e Comporta, apresenta uma ocupação predominantemente rural.

A economia local é fundamentalmente agrícola e silvícola, com destaque para a produção de arroz, para a pastorícia e, sobretudo, para a extração de pinhão, da qual Alcácer do Sal é líder nacional (Câmara Municipal de Alcácer do Sal, s.d.).

Contudo, este território enfrenta os desafios típicos do interior português, como o envelhecimento populacional e a dependência de setores económicos tradicionais. (Instituto Nacional de Estatística, 2021).

Compreender esta dualidade, entre um património rico e uma certa fragilidade socioeconómica, é essencial para fundamentar uma proposta arquitetónica que se pretenda ancorada no lugar e capaz de o revitalizar.

(Câmara Municipal de Alcácer do Sal. (s.d.). Caracterização e História do Concelho. <https://www.cm-alcacerdosal.pt>)

(Instituto Nacional de Estatística. (2021). Censos 2021: Resultados Definitivos - Portugal. INE.)



Fig.6- Ortofotomapa da aldeia de Arez, produzido através do QGIS.

1.3. A Localidade de Arez

A origem da aldeia de Arez está relacionada com as iniciativas de colonização interna e desenvolvimento rural que ocorreram em Portugal, especialmente durante o período do Estado Novo (1933-1974) (Guerreiro, 2013). Estas iniciativas tinham como objetivo reorganizar e revitalizar o espaço rural, promovendo o desenvolvimento agrícola e a fixação de população nestas zonas menos habitadas.

O governo identificava terrenos adequados para a agricultura e para o estabelecimento de novas comunidades. Estes terrenos eram frequentemente propriedades do Estado ou adquiridos para esse fim. Numa fase posterior, uma equipa de arquitetos e engenheiros desenvolviam planos detalhados para as aldeias, considerando a topografia, a disponibilidade de água e outros recursos naturais.

Relativamente ao assentamento da população, famílias de agricultores e trabalhadores rurais eram incentivadas a mudar para as novas aldeias, frequentemente recebendo incentivos como terras para cultivo e apoio na construção das suas casas.

Após o assentamento inicial, eram estabelecidos serviços comunitários e cooperativas agrícolas para apoiar a economia local e garantir a autossuficiência da comunidade.

No caso específico de Arez, assim como outras aldeias criadas ou reorganizadas durante esse período, o objetivo principal era promover o desenvolvimento rural, melhorar a produção agrícola e fornecer melhores condições de vida para os trabalhadores rurais. Essas aldeias eram projetadas para serem comunidades autossuficientes, com infraestrutura adequada para suportar a população local.

Esta origem explica a sua estrutura clara e funcional: a aldeia organiza-se de forma linear ao longo de uma estrada principal, com uma arquitetura simples de casas brancas e telhados de duas águas.

Atualmente Arez apresenta-se descaracterizada do ponto de vista arquitetónico e marcada pelo despovoamento. A antiga ligação da aldeia à atividade agrícola, outrora principal fonte de rendimento e fator de fixação populacional, perdeu-se com o declínio do setor, resultado da mecanização progressiva da agricultura, que reduziu drasticamente a necessidade de mão de obra. Esta transformação conduziu à diminuição da população residente e à consequente perda de identidade e vitalidade local.

Apesar da sua posição geográfica estratégica no território nacional, situada praticamente no centro do país. Num contexto em que a crise habitacional constitui um problema de escala nacional, com o aumento progressivo dos preços da habitação e das rendas nas grandes cidades, verifica-se uma tendência crescente de procura por alternativas residenciais fora dos principais centros urbanos.

Neste cenário, Arez surge como uma potencial oportunidade de revalorização e repovoamento, reunindo condições territoriais e de acessibilidade favoráveis à fixação de novos habitantes. A possibilidade de habitar com qualidade, em contacto direto com o meio natural e distante das grandes áreas metropolitanas, mas mantendo proximidade relativa aos principais eixos urbanos, posiciona Arez como um território com potencial para acolher novos modos de vida contemporâneos, mais sustentáveis, equilibrados e comunitários.

Paralelamente, os investimentos em curso na região de Sines, direcionados para o desenvolvimento económico e infraestrutural do litoral alentejano, reforçam esta dinâmica de transição entre o urbano e o rural, promovendo novas oportunidades de fixação populacional no interior próximo. Este movimento é potenciado por uma transformação profunda nos modos de viver e trabalhar, acelerada pela pandemia de Covid-19, que demonstrou a viabilidade do trabalho remoto e a consequente descentralização da vida profissional. Assim, a possibilidade de trabalhar a partir de qualquer lugar, especialmente de casa, tornou-se uma realidade consolidada, tornando territórios como Arez particularmente atrativos para quem procura uma melhor qualidade de vida, sem perder a ligação às redes urbanas e tecnológicas.

Guerreiro, F. de C. (2013). Colónias Agrícolas da Junta de Colonização Interna em Portugal: Arquitetura e Urbanismo [Tese de doutoramento, Universidade do Porto]. Repositório Aberto da UP.



Fig.7- Oliveira (*Olea europaea*) - Muito comum devido à tradição de produção de azeite na região.



Fig.8- Sobreiro (*Quercus suber*) - Produz cortiça e é abundantes na região.



Fig.9- Azinheira (*Quercus ilex*) - Espécie de carvalho bem-adaptada ao clima mediterrânico e característica da paisagem alentejana.



Fig.10- Pinheiros-mansos (*Pinus pinea*) - Conhecido pela produção de pinhão, um produto agrícola importante para a economia de Alcácer do Sal.

1.4. Leitura Territorial e Paisagística

A análise do território foca-se em três principais tipos de paisagem que definem o local. A paisagem agrícola é dominada pelos arrozais, que formam uma grande superfície plana e regular, com ciclos de cultivo que mudam a sua aparência ao longo do ano; A paisagem do montado e pinhal que constitui a área envolvente, com terreno mais seco e irregular, coberto por azinheiras, sobreiros e pinheiros; A paisagem construída, com o núcleo da aldeia, formado por casas brancas, que contrasta com a extensão das áreas naturais e agrícolas. Deste modo esta região conta com a biodiversidade típica do Alentejo e da flora e fauna mediterrânea sendo as espécies de árvores mais comuns:

2. Contexto Académico e Processo Coletivo

2.1. O Trabalho Desenvolvido em Atelier

O trabalho iniciou-se no primeiro semestre com uma fase fundamental de análise e diagnóstico do território. Esta etapa incluiu um trabalho de campo com visita ao local de intervenção, permitindo uma perceção sensorial direta do sítio, e a recolha de material cartográfico e topográfico essencial. Este estudo inicial teve como objetivo principal compreender em profundidade o contexto físico e social da Nova Arez, estabelecendo as bases factuais para toda a investigação projetual subsequente. A partir desta análise de conjunto, foram desenvolvidas em atelier diversas propostas de desenho urbano, explorando visões alternativas para o futuro do aglomerado. No final deste período, três dessas propostas foram selecionadas para representar o leque de possibilidades investigadas, demonstrando diferentes abordagens à escala do território. Estas três propostas foram dos grupos: José Santos e Margarida Rodrigues, Maria Salazar e Joana Vidigal e, como membro individual do último grupo, Beatriz Taborda.





Proposta de Zé Pedro e Margarida

MEMÓRIA DESCRITIVA

A proposta para uma nova comunidade em Arez, Alcácer do Sal, surge a partir de uma reflexão sobre a forma de habitar o local, marcado pela passagem do rio sado e um vasto território densamente florestado maioritariamente por sobreiros e pinheiros mansos, que contava ainda com uma pequena pré-existência pouco qualificada.

Tirando partido de um sistema de vistas particularmente rico, a intenção primordial do projeto parte da ideia de construir na encosta, definindo limites através de um sistema de muros que remata a nova construção, dialogando simultaneamente com as pré-existências adjacentes. A densidade da proposta, pautada por vazios pontuais e criteriosos, procura respeitar a tradição centenária de habitar a região alentejana, adaptando a escala do edificado às necessidades programáticas, uma das quais, a presença de um complexo de atividades desportivas.

Este encontra-se implantado numa depressão pré-existente que outrora seria um areeiro e procura evidenciar-se não apenas como um espaço dedicado à performance desportiva, mas como mais um espaço público passível de ser utilizado pelos habitantes da nova comunidade de Arez para diversas outras atividades, funcionando como uma grande sala exterior que se projeta para a paisagem, com os arrozais banhados pelo rio sado como pano de fundo.

Fig.11- Painel da apresentação da proposta dos colegas Zé Pedro e Margarida



01

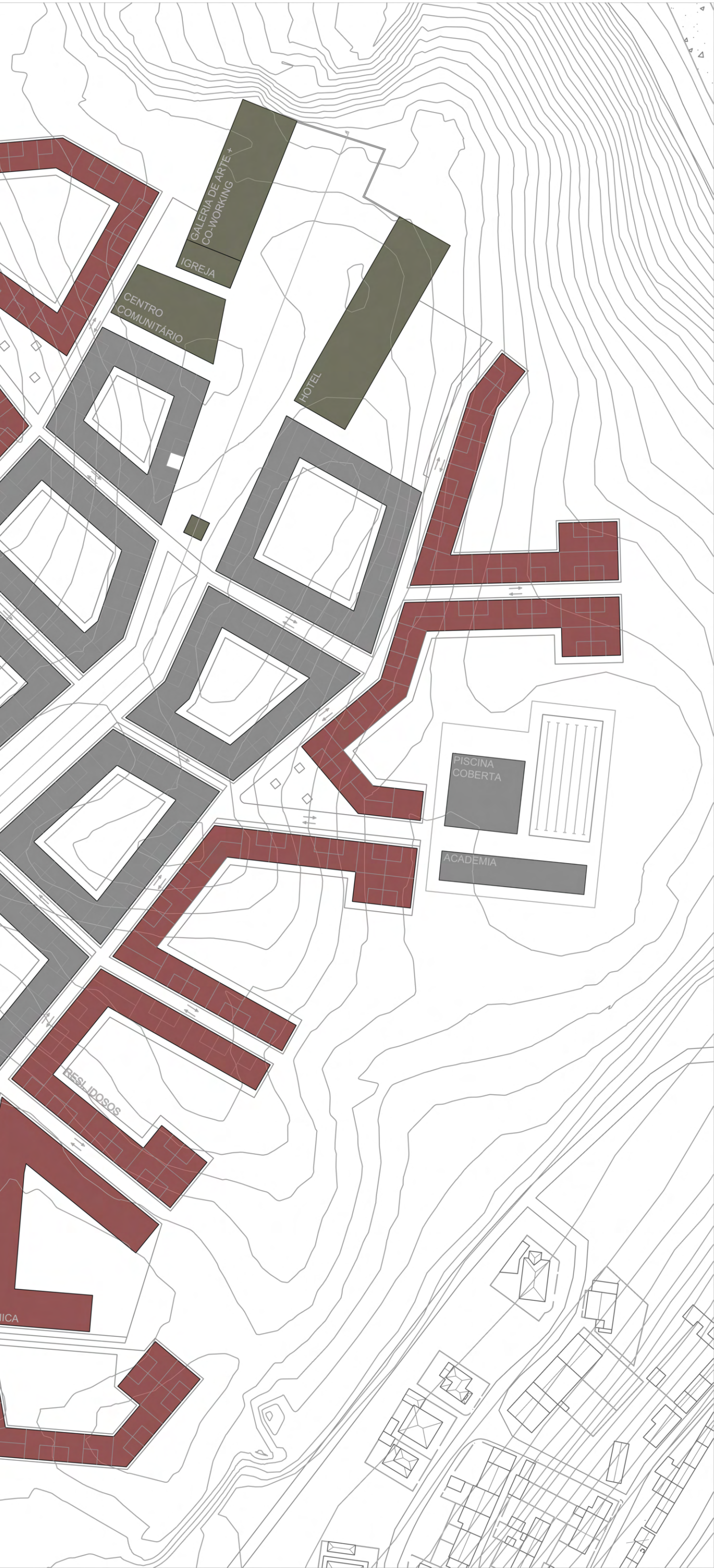
AREZ

UMA NOVA



Fig.12- Painel de apresentação da proposta das colegas Joana Vidigal e Maria Salazar





Quadro de áreas:

- Habitação - 81 300 m²
- Clínica - 5400 m²
- Quartel dos bombeiros - 1100 m²
- Estação + Mercado - 1800 m²
- Igreja - 288 m²
- Centro de arte + Escritórios - 2800 m²
- Centro de convívio - 1480 m²
- Academia - 700 m²
- Creche e escola secundária - 5400 m²
- Residência Idosos - 5200 m²
- Residência Estudantes - 3600 m²
- Hotel - 8000m²
- Total de lojas e restaurantes - 2210 m²

Proposta de Beatriz Taborda ALAMEDA

NOVA AREZ

Junto ao Rio Sado, a nova cidade de Arez desenvolve-se a partir de um desenho de uma Alameda, que distribui para toda a restante cidade, cuja a sua forma deriva a favor da topografia, que desemboca numa praça principal com um mirador para o rio. A implantação em seu redor desenvolve-se em quarteirões, fechados, de 1 piso, desenhados a partir dos limites da alameda. Os restantes quarteirões nos limites exteriores da cidade são abertos de forma a deixar entrar a manchar arbórea para o seu interior.

- 1 PISO
- 2 PISOS
- 3 PISOS

Fig.13- Painel de apresentação da proposta das colega Beatriz Taborda





Fig.14- Foto da maquete da proposta da Alameda

2.2. A Dinâmica de Grupo e as Propostas dos Colegas

No segundo semestre, o trabalho aprofundou-se numa escala de intervenção mais próxima e detalhada. Esta fase foi marcada por uma dinâmica colaborativa decisiva: a escolha coletiva, em grupo com os colegas José Mora e Lucinda Pompeu, de desenvolver e refinar uma das propostas pré-definidas. O projeto selecionado foi o da colega Beatriz Taborda, cujo plano urbano serviu de ponto de partida para uma investigação aprofundada. A partir desta base comum, o grupo trabalhou no desenvolvimento de uma proposta integrada que incluía equipamentos como: um mercado; uma torre; uma universidade e tipologias de habitação e comércio, explorando assim a capacidade do projeto para estruturar uma nova centralidade para Nova Arez.



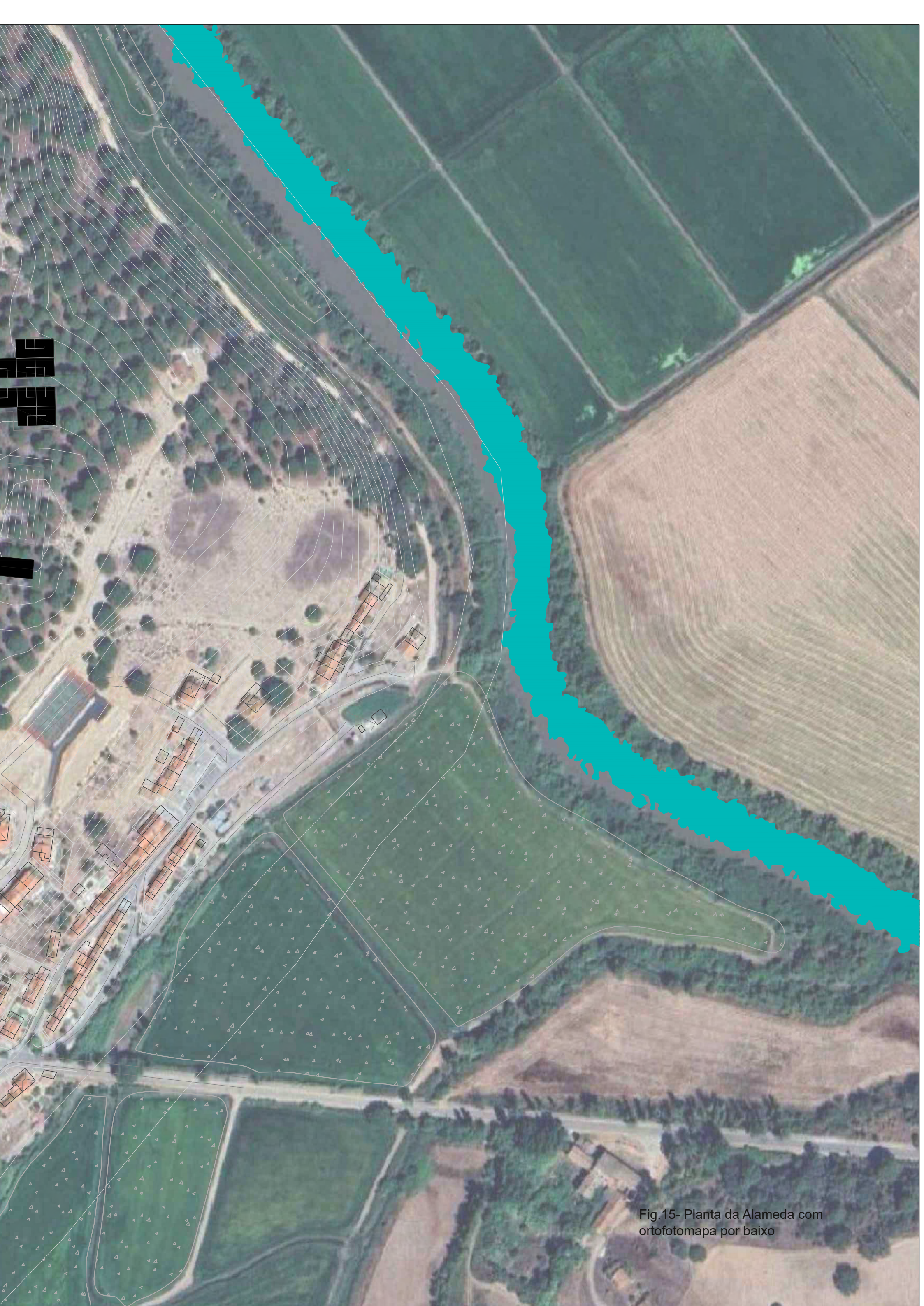


Fig.15- Planta da Alameda com
ortofotomapa por baixo

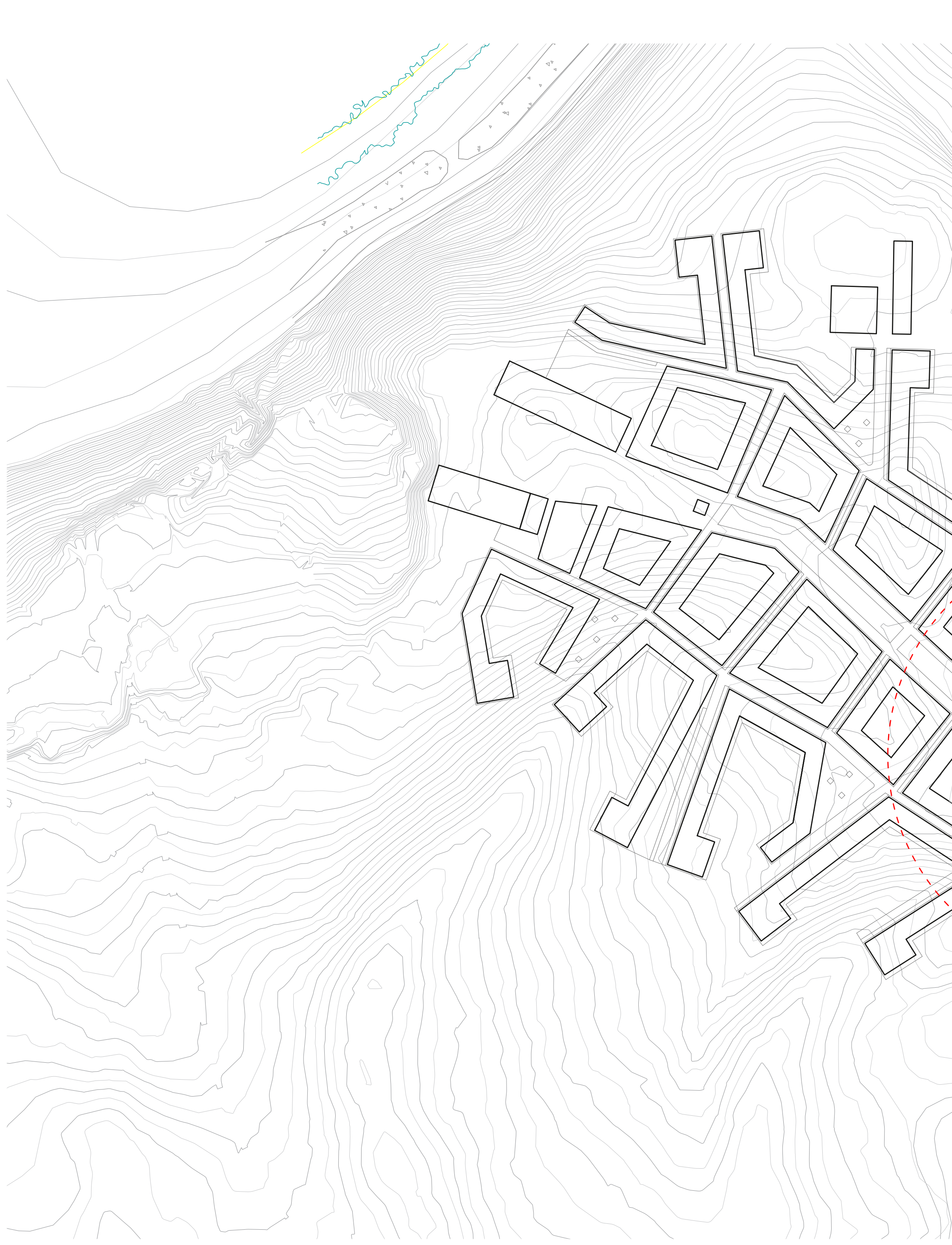
2.3. Reflexão Conjunta e Aprendizagens Partilhadas

Para o trabalho de dissertação de mestrado, o objetivo foi concentrar e aprofundar uma dimensão específica da proposta coletiva: o espaço público da praça. Desse processo de reflexão, assumiu-se o programa do mercado como o mais estimulante e desafiador, exigindo encontrar a dimensão e elegância certas para um equipamento que se pretende íntimo, mas significativo, adequado à escala do aglomerado. O intuito final é o desenho de uma praça que una Nova Arez e se torne o seu centro cívico. Para tal, propõe-se um sistema de elementos arquitetónicos – o mercado, uma “stoa” (galeria), mobiliário urbano e uma torre – que, em conjunto com a presença estruturante das árvores existentes, constituem um espaço de convívio social e de encontro, elevado por uma qualidade arquitetónica sensível ao lugar. Esta reflexão marca a passagem de uma visão urbana abrangente para a definição precisa do objeto de estudo desta tese: a praça enquanto infraestrutura de comunidade.

3. Contexto Urbano e Lugar de Intervenção

3.1. O Terreiro de Arez

O terreiro proposto configura-se como o principal espaço aberto e coletivo da intervenção urbana, concebido para funcionar como o novo centro cívico de Nova Arez. A sua definição espacial é intencionalmente clara e hierárquica. O Terreiro é estruturado por dois elementos arquitetónicos principais que estabelecem o seu eixo dominante: o Mercado, que pela sua posição marca simbolicamente a entrada no aglomerado, e a Torre, situada no extremo oposto, atuando como ponto focal e remate visual. Os limites laterais são definidos pelos quarteirões habitacionais, que estabelecem um contraste programático: num lado, fachadas de um piso de tipologia unifamiliar; no lado oposto, edifícios de três pisos com comércio no piso térreo e, de forma destacada, a Biblioteca. Um elemento topográfico singular, um muro de contenção que resolve um desnível, é qualificado como mobiliário urbano, integrando-se ativamente no espaço público.

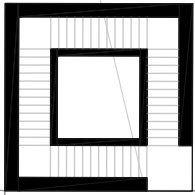


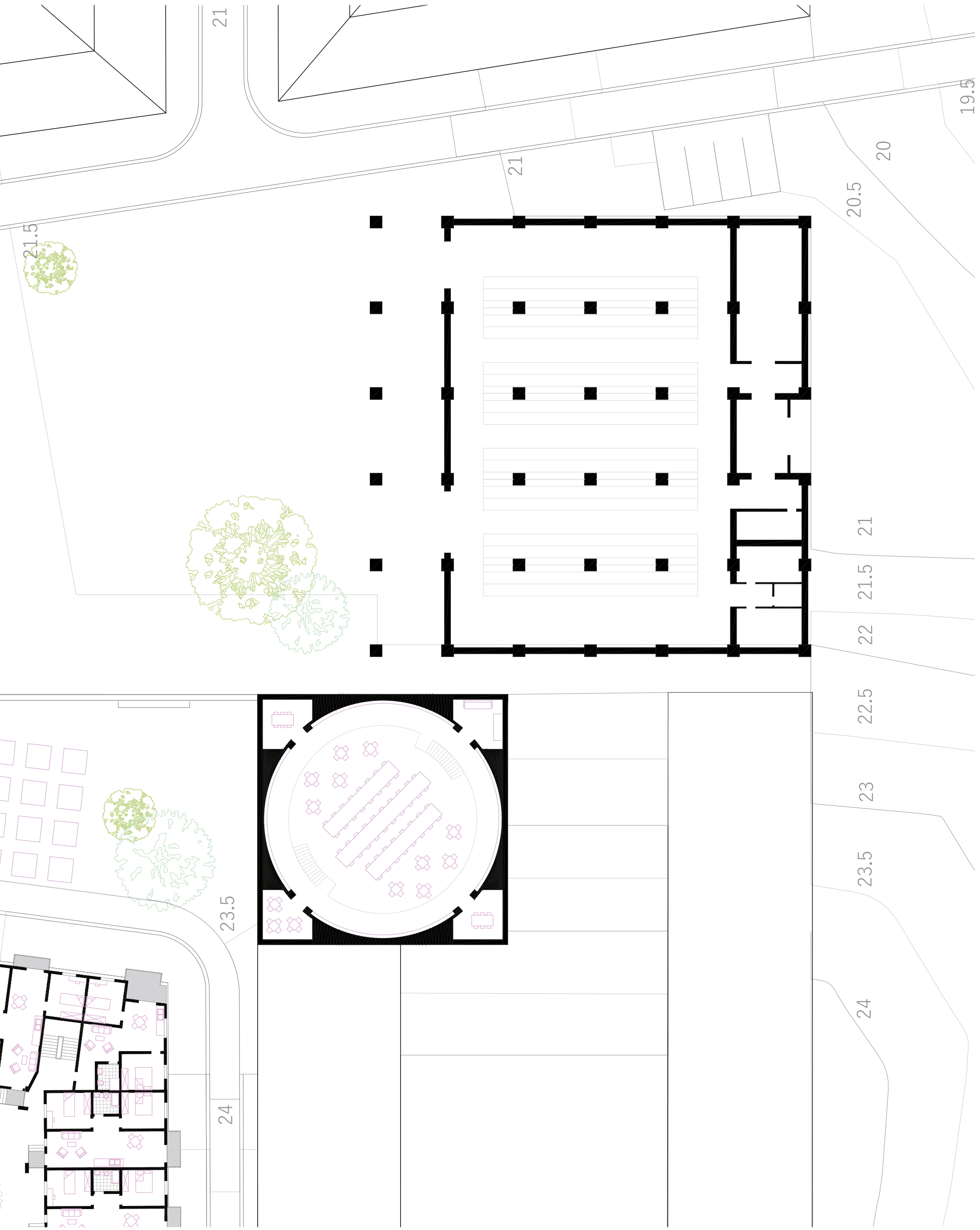
PROJETO NOVO AREZ	PROFESSORES JOÃO SOARES PAULO BARATA NUNO RODRIGUES	ESTUDANTES LUCINDA POMPEU JOSÉ CASTRO	MATERIA PROJETO AVANÇADO IV	LOCALIZAÇÃO AREZ, ALENTEJO	ESCALA 1/1500	
47						



3.2. Leitura Morfológica e Identidade Local

A leitura morfológica da proposta revela uma identidade baseada na articulação de programas e escalas que promovem vitalidade contínua. A forte axialidade entre o Mercado e a Torre confere ordem e legibilidade cívica. A dualidade dos quarteirões laterais enriquece a experiência espacial: de um lado, uma escala doméstica e tranquila; do outro, uma frente urbana densa e dinâmica, onde o comércio e, sobretudo, a Biblioteca como equipamento cultural de proximidade, garantem atividade e atração de públicos diversos. Esta combinação transforma o terreiro num espaço multigeracional e polifuncional, onde a compra, o lazer, a leitura e o convívio se interligam. A integração do muro de contenção exemplifica como uma condição pré-existente é reinterpretada como oportunidade para criar um lugar de permanência, reforçando a conexão entre a nova praça e a topografia original do lugar.





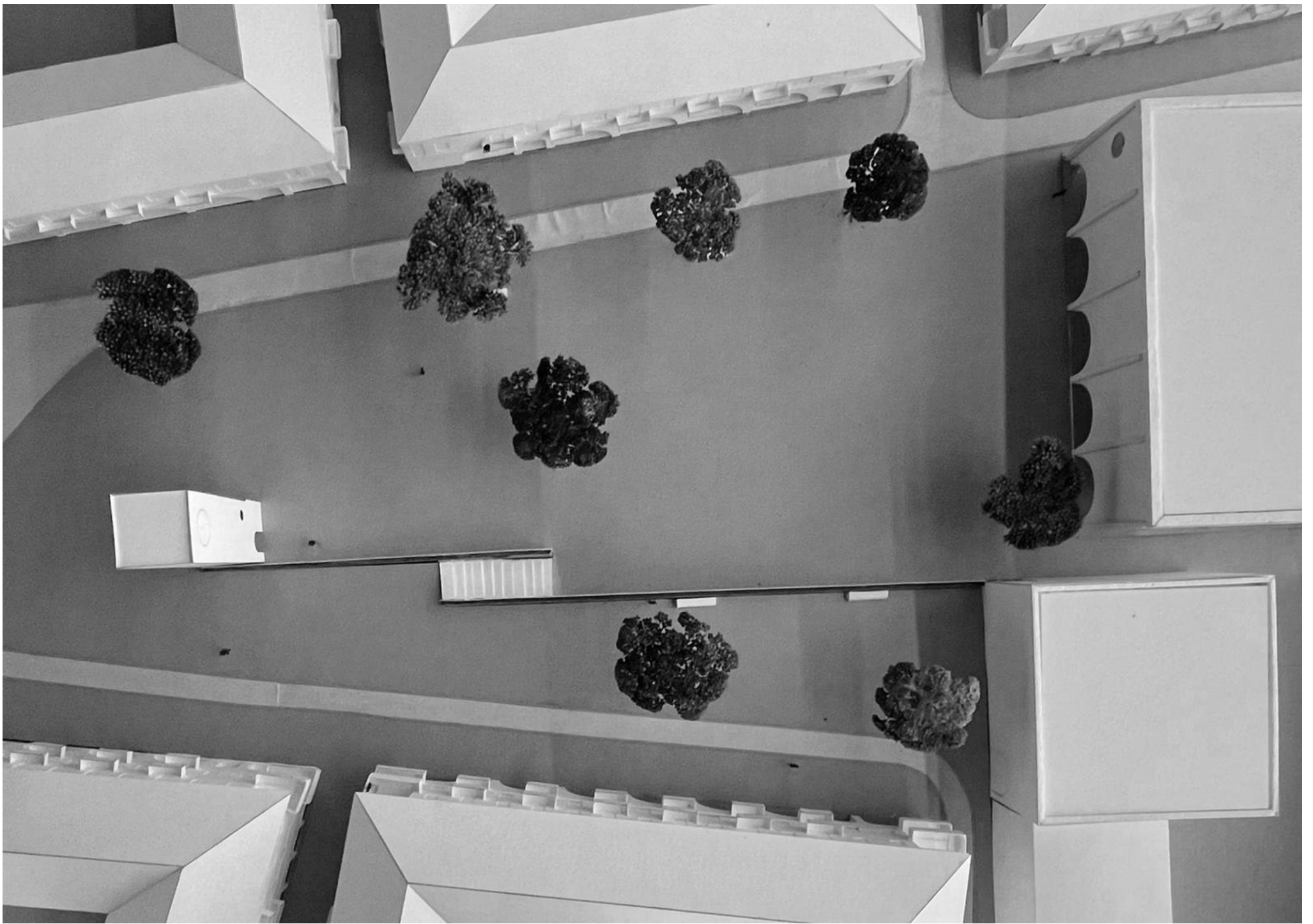


Fig.17- Foto da maquete de Nova Arez vista de cima



Fig.18- Foto da maquete de Nova Arez em perspectiva

3.3. Interpretação do Lugar: O Contexto Urbano a partir das Soluções Coletivas

A configuração apresentada é o resultado de um processo iterativo de interpretação coletiva desenvolvido em atelier. A definição de um eixo estruturador entre o Mercado e a Torre, bem como a exploração de quarteirões com programas mistos, foram hipóteses validadas no debate coletivo. A inclusão da Biblioteca consolida uma visão partilhada de que o centro cívico deve oferecer não só funções económicas (mercado/comércio), mas também infraestruturas culturais e de conhecimento que elevam a qualidade de vida e o sentido de comunidade. Portanto, o Terreiro é a materialização de uma inteligência coletiva sobre os programas necessários para fomentar uma centralidade urbana completa e atrativa.

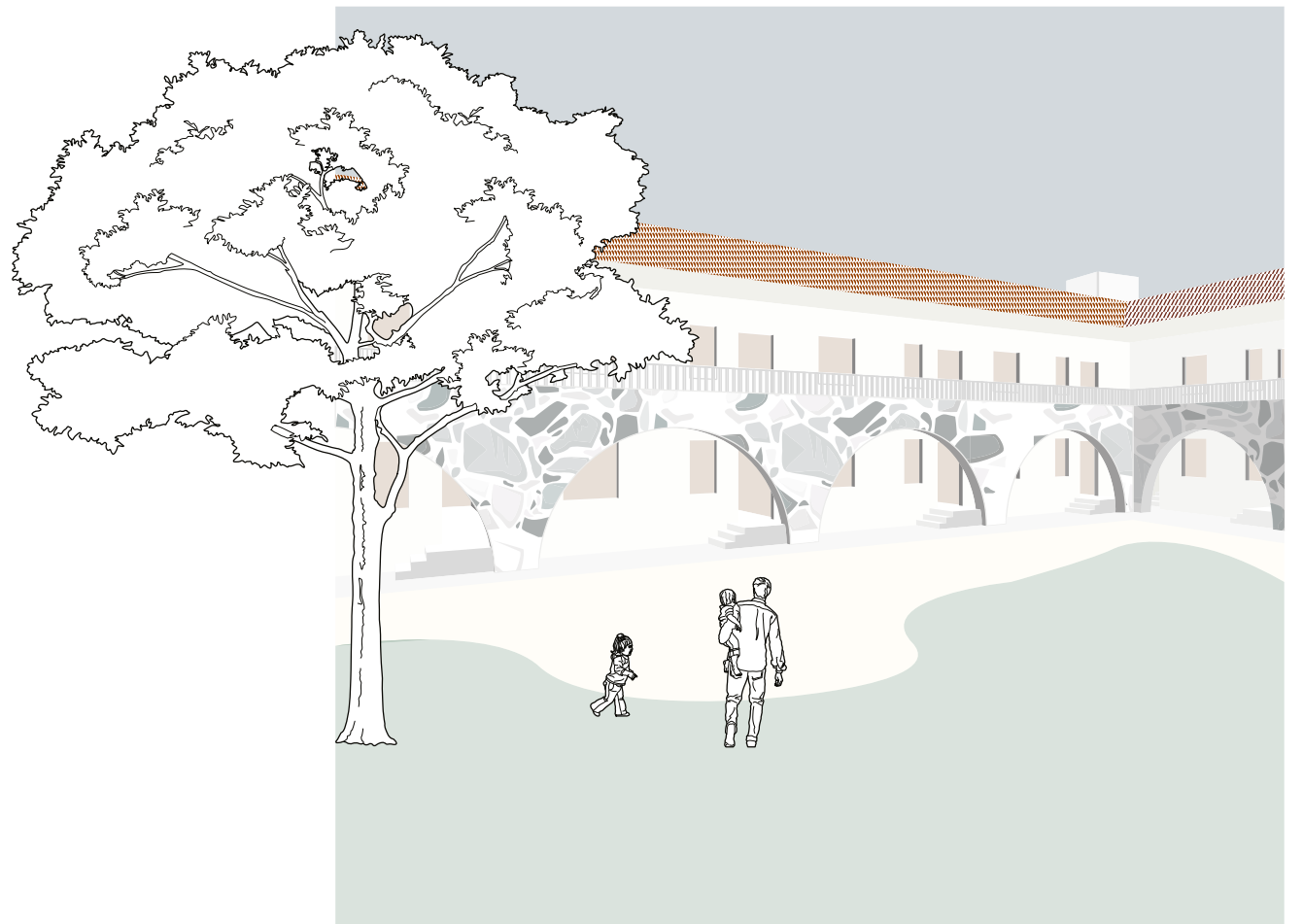


Fig.18- Colagem demonstrativa do projeto

3.4. Potencialidades e Limitações da Proposta Coletiva

A proposta apresenta potenciais transformadores significativos. A sua principal potencialidade é a de criar uma centralidade legível, multifuncional e culturalmente relevante, articulando símbolos (a Torre), infraestruturas económicas (o Mercado), serviços diários (o comércio) e um equipamento cultural (a Biblioteca) num único espaço público coeso. Esta combinação visa atrair e servir a comunidade de forma abrangente. Contudo, identifica-se como limitação o facto de o número reduzido de habitantes previsto e a baixa densidade não garantirem necessariamente a intensidade de uso prevista para esta centralidade. Embora a proposta preveja uma escala populacional significativa.

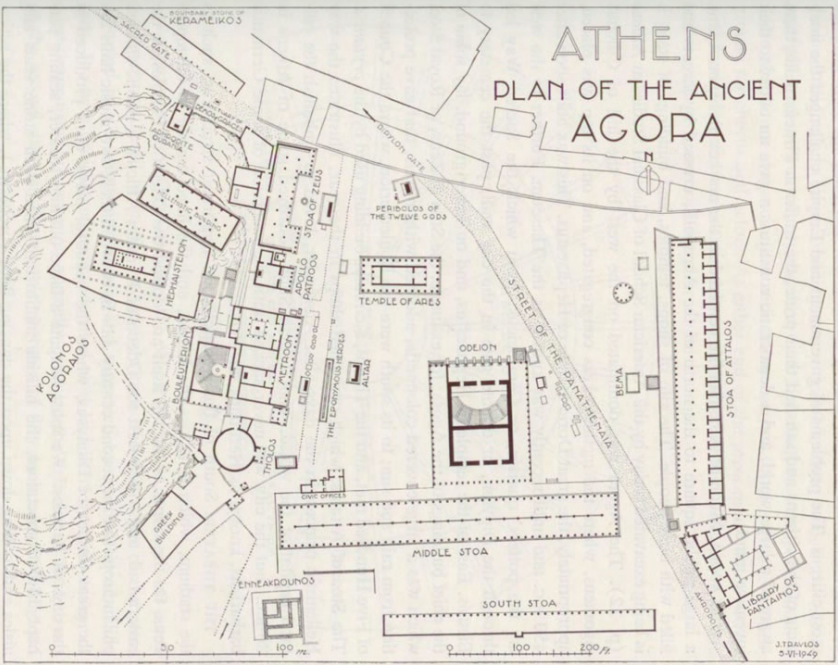


Fig.19- Planta da Ágora de Atenas



Fig.20- Imagem retirada através do google maps do Largo do Caldas

4. Casos de Referência

4.1. Espaço Público Urbano: Praças e Terreiros

As praças e terreiros constituem os espaços primordiais de encontro e vida coletiva, funcionando como os "salões ao ar livre" das comunidades. A sua eficácia reside na clareza da sua definição espacial, na qualidade do seu desenho e na relação que estabelecem com os edifícios e a vida que os rodeiam para além da vitalidade inerente aos programas que ocupam o espaço. A análise de casos de referência, de distintas escalas e temporalidades, permite extrair princípios fundamentais para a qualificação do Terreiro de Arez.

Ágora de Atenas (Grécia Antiga):

Como espaço público por excelência da democracia ateniense, a Ágora não era uma praça formalmente definida, mas sim uma clareira urbana de uso coletivo, rodeada por edifícios cívicos e religiosos (a Stoa, o Templo). O seu valor de referência reside no conceito de um espaço central, aberto e multifuncional, gerado pela justaposição de edifícios de importância comunal. É o arquétipo do espaço público como palco da vida política, social e económica, cuja força advém mais da atividade que alberga do que de uma forma geométrica rígida (Camp, 2001).

Praça da República (Vila Viçosa):

Esta praça portuguesa exemplifica a praça de origem renascentista e barroca, caracterizada por uma geometria regular e uma forte relação de contenção com a arquitetura envolvente. A sua ortogonalidade, o desenho unitário das fachadas com arcadas no piso térreo (como no Paço Ducal) e o tratamento do pavimento criam um espaço cívico e de representatividade de grande dignidade e clareza. Serve de modelo para a importância de se estabelecerem limites bem definidos e contínuos que estruturam e dão escala ao espaço público, transformando-o num "recinto" urbano.

Largo Adelino Amaro da Costa (Largo do Caldas, Lisboa):

Uma praça de escala de bairro, resultante de uma operação de renovação urbana contemporânea. Destaca-se pela sua simplicidade e flexibilidade. Um amplo espaço pavimentado, quase despojado, é pontuado por árvores e mobiliário urbano, sendo delimitado por um misto de arquitetura histórica reabilitada e novos edifícios. A sua força está na criação de uma plataforma neutra e generosa que permite múltiplas apropriações (feiras, esplanadas, passeio), demonstrando como a qualidade do espaço público pode advir mais da gestão do vazio do que da complexidade do desenho.

Estes três exemplos, em conjunto com os previamente citados, oferecem um leque de estratégias: da centralidade orgânica e multifuncional da Ágora, à contenção formal e cívica da praça regular, até à plataforma contemporânea e flexível. Para o Terreiro de Arez, estas lições convergem na necessidade de definir claramente os seus limites (como em Vila Viçosa), de assegurar a sua flexibilidade de uso (como no Largo Adelino Amaro da Costa) e, acima de tudo, de o conceber como o centro programático e simbólico da comunidade (como na Ágora).

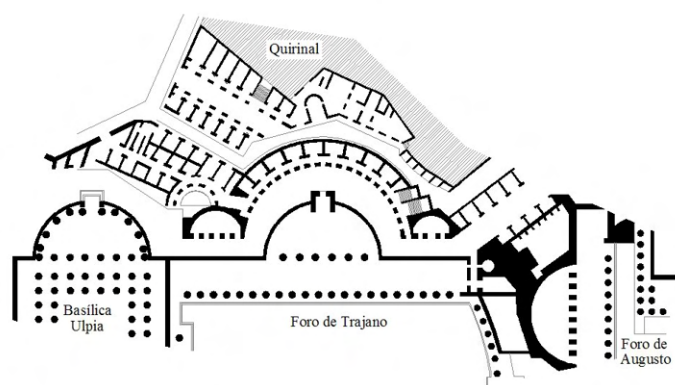


Fig.22- Planta do Mercado De Trajano



Fig.23- Imagem do Mercado Santa Maria da Feira



Fig.24- Imagem do mercado de Trajano

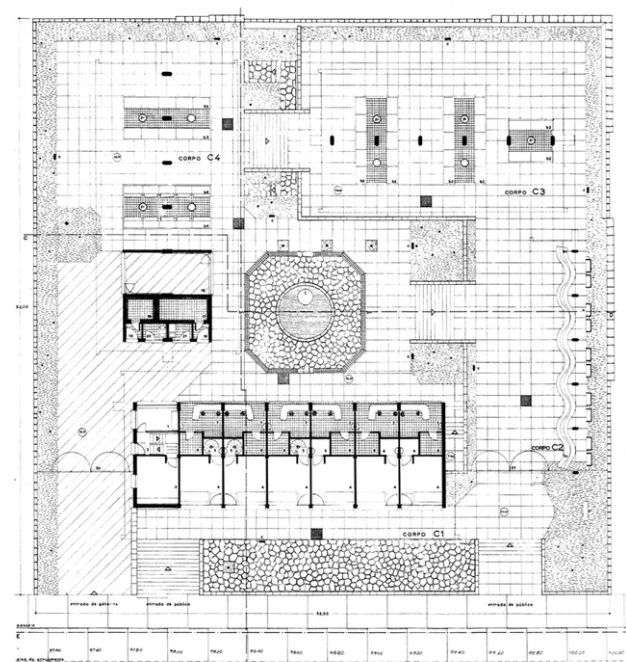


Fig.25- Planta do Mercado Santa Maria da Feira



Fig.26- Imagem do Mercado Municipal do Carandá

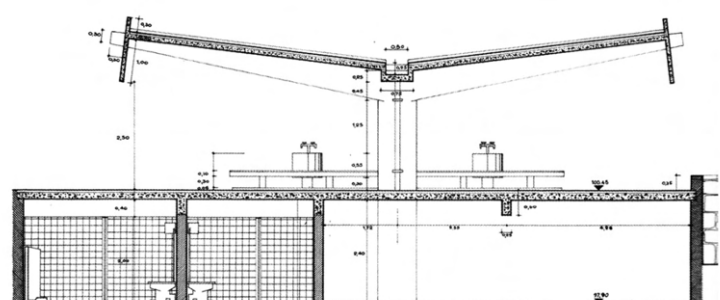


Fig.27- Corte do Mercado De Santa Maria da Feira

4.2. Mercados como Infraestruturas de Comunidade

Os mercados constituem uma das mais importantes infraestruturas de comunidade, servindo simultaneamente como motores económicos locais e espaços primordiais de encontro e troca social. A sua tipologia, que combina cobertura e abertura, permanência e flexibilidade, oferece lições essenciais para a criação de um equipamento gerador de vida urbana. A análise de referências históricas e contemporâneas revela uma evolução na forma como a arquitetura estrutura esta função.

Mercado de Trajano (Roma, séc. II d.C.):

Este complexo monumental, idealizado pelo imperador Trajano e atribuído ao arquiteto Apolodoro de Damasco, representa o apogeu do Mercado na antiguidade clássica. Mais do que um simples local de venda, tratava-se de um centro comercial e administrativo multifuncional, distribuído por vários níveis numa estrutura semicircular que se adaptava à topografia. A sua construção em tijolo e betão romano, com abóbadas e claraboias para iluminação, criava uma arquitetura interiorizada e ordenada. A sua lição perene é a do mercado como estrutura urbana complexa e estruturadora, capaz de organizar um grande volume de atividades e pessoas de forma eficiente e monumental, integrando-se na cidade como uma peça arquitetónica de primeira grandeza.

Caravançarai (Pérsia/Ásia Central, séculos IX-XVI):

Embora não seja um mercado no sentido estrito, o caravançarai é uma tipologia arquitetónica fundamental para o comércio de longa distância, funcionando como um mercado, armazém, albergue e fortaleza combinados. De planta normalmente quadrangular com um pátio central, apresentava uma fachada maciça para o exterior e um interior organizado em galerias arcadas que davam acesso a celas para mercadores e animais. O seu pátio central funcionava como espaço de descarga, venda e convívio. A sua referência é crucial por demonstrar como a arquitetura pode criar um microcosmo autossuficiente e protegido para o comércio, onde a funcionalidade logística (abrigo, segurança, água) e o espaço de encontro se fundem numa única forma construída robusta e clara.

Mercado de Santa Maria da Feira (Fernando Távora, 1959):

Este projeto é um marco da arquitetura moderna portuguesa pela sua síntese exemplar entre os princípios modernos e a tradição construtiva local. Távora concebeu uma grande praça coberta de planta livre, definida por uma estrutura modular de betão aparente. O elemento mais notável é a sua cobertura: uma abóbada de tijoleira assente numa grelha de nervuras de betão, criando uma escala monumental e uma luz filtrada que evoca os mercados tradicionais com vocabulário moderno. As bancadas de venda, também em betão, são integradas como elementos fixos, mas desmontáveis desta modulação. A sua implantação, ligeiramente elevada, e a transparência dos seus limites promovem uma integração fluida com a cidade. É um caso paradigmático de um equipamento cívico que é simultaneamente um espaço coletivo flexível e uma peça de identidade urbana, ancorada numa sensibilidade material profundamente contextual.

Mercado do Carandá, Braga (Eduardo Souto de Moura, 1984):

Projetado para um bairro periférico, este mercado de Souto de Moura é uma obra de escala modesta, mas de grande precisão. Caracteriza-se por um volume puro e compacto, revestido a tijolo, que se implanta como um objeto claro no tecido urbano. A sua solução espacial é engenhosa: um grande vão central coberto por uma treliça metálica que permite iluminação zenital, em torno do qual se organizam as bancas. A fachada principal, quase totalmente envidraçada, dissolve o limite entre o interior do mercado e a praça pública que o antecede. A sua lição é a da eficiência, clareza construtiva e integração visual com o espaço público circundante, demonstrando como um programa funcional pode ser resolvido com economia de meios e grande elegância, fortalecendo o carácter do lugar. Entretanto parcialmente demolido, foi objeto de reconversão e reprogramação pela mão do Arquiteto.

Estes quatro casos, abrangendo dois milénios de história, demonstram a persistência e adaptação da tipologia do mercado. Do complexo multifuncional romano e do microcosmo protegido do caravançarai, até às interpretações modernas de Távora e Souto de Moura, os princípios-chave mantêm-se: a criação de um espaço coberto de grande flexibilidade, a clareza da estrutura ordenadora, a integração com a cidade e a capacidade de se tornar um símbolo de identidade e vitalidade comunitária. Para a proposta em Nova Arez, estas referências convergem na conceção de um mercado não como um edifício fechado, mas como uma infraestrutura aberta e permeável, que estrutura o terreiro e atua como o motor programático da sua reativação.

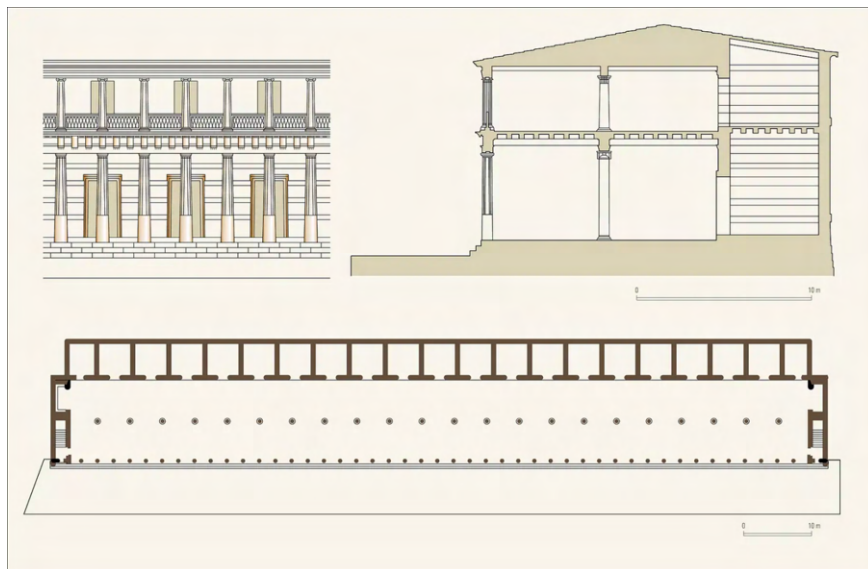


Fig.28- Detalhe de fachada, corte e planta da Stoa de Attalos



Fig.29- Imagem do exterior da Stoa de Attalos

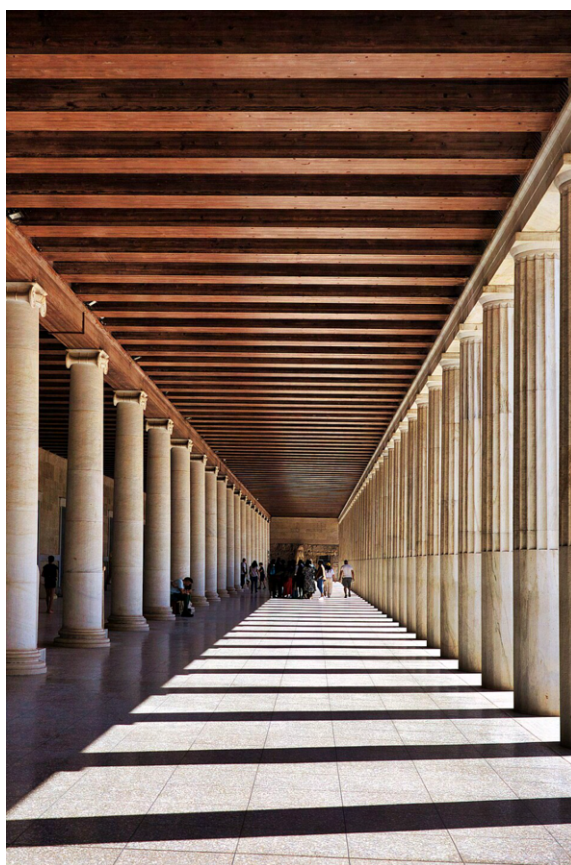


Fig.30- Imagem do interior da Stoa de Attalos

4.3. Galerias e Stoas: Arquiteturas de Transição

As Galerias e Stoas representam uma tipologia arquitetónica fundamental de mediação espacial. Como elementos cobertos, mas abertos, criam zonas de transição entre o interior e o exterior, o público e o privado, oferecendo abrigo, promovendo a permanência e definindo limites de forma permeável. A análise destas referências revela como esta simplicidade programática pode gerar espaços de grande riqueza social e atmosférica.

Stoa de Attalos, Atenas (séc. II a.C., reconstruída 1952-1956):

A Stoa clássica era um edifício público alongado, com uma fachada definida por uma colunata que suportava um telhado, criando um espaço abrigado ao longo de um dos lados da Ágora de Atenas. A Stoa de Attalos, oferecida pelo rei de Pérgamo, era particularmente monumental, com dois pisos e uma fachada de 116 metros. A sua função era multifacetada: abrigava lojas, servia como local de passeio e reunião, e definia o limite da praça principal da cidade. A sua lição arquitetónica é dupla: primeiro, a colunata como elemento definidor de um espaço limiar, que protege sem enclausurar e cria uma fachada ativa e ritmada; segundo, a sua função como infraestrutura cívica básica que apoia a vida económica e social no coração do espaço público. Para o projeto em Nova Azeite, a Stoa é o arquétipo da galeria como elemento linear que estrutura uma fronteira e incentiva o convívio casual.

Woodland Crematorium, Estocolmo (Gunnar Asplund, 1935-1940):

Embora seja um crematório, a obra-prima de Asplund oferece uma lição sublime sobre a criação de espaços de transição e atmosfera através da arquitetura. O percurso do visitante é cuidadosamente coreografado através de uma sequência de espaços que moderam a luz e a emoção: desde o pórtico de entrada aberto, passando por uma galeria/colunata sombria, até à chegada à capela e, finalmente, à clareira na floresta. A sua arquitetura demonstra como um percurso coberto pode ser um instrumento poderoso para moderar a experiência, controlar a luz e preparar o espírito, utilizando a sequência, a proporção e a materialidade para criar uma atmosfera profunda.

Estas duas referências, separadas por milénios, oferecem princípios complementares para a conceção da galeria em Nova Azeite. Da Stoa de Attalos, retira-se o conceito de um elemento linear, social e comercialmente ativo, que define e qualifica a borda do terreno. Do Woodland Crematorium de Asplund, absorve-se a mestria na criação de uma atmosfera através de um percurso coberto, onde a luz, a proporção e a materialidade (como o betão e a madeira) podem induzir serenidade e convidar à permanência. A proposta para a galeria em Nova Azeite pretende sintetizar estas lições: funcionando como uma stoa contemporânea, um elemento de limite e abrigo que, através da simplicidade e qualidade do seu espaço, se torna num lugar de convívio, transição e experiência sensorial enriquecida, fundamental para a revitalização do Terreno.



Fig.31- Imagem da Torre de Vigia em Galyateto

4.4. Torres e Elementos Verticais no Espaço Público

Num território predominantemente horizontal como o da bacia do Sado, um elemento vertical funciona como um marco fundamental, organizando a percepção da paisagem e servindo como farol de identidade comunitária. Historicamente, os campanários das igrejas desempenharam este papel, sendo as torres sineiras o ponto de referência visual e sonoro que estruturava a vida das aldeias, demonstrando como a verticalidade associada a um edifício coletivo pode definir uma centralidade.

A arquitetura contemporânea reinterpreta este princípio, frequentemente associando-o a funções utilitárias. A Torre de Vigia em Galyateto, Hungria (NARTARCHITECTS, 2020) é uma estrutura de tijolo e betão que cumpre uma dupla função: serve como mirante para os visitantes apreciarem a paisagem florestal e, simultaneamente, alberga no seu topo uma câmara de vigilância contra incêndios. A sua forma simples e a materialidade natural permitem uma integração discreta no meio florestal, tornando a infraestrutura num equipamento público.

De modo similar, a Torre de Vigilância e de Água em Sint Jansklooster, Holanda (Zecc Architecten, 2012) funde dois programas aparentemente distintos. A torre de tijolo e betão sustenta um reservatório de água no seu topo, enquanto uma escadaria helicoidal de madeira no seu interior conduz a um miradouro. Esta solução transforma uma pura infraestrutura técnica num objeto cívico e experiencial, oferecendo uma nova perspetiva sobre a paisagem e reafirmando a presença da comunidade na sua geografia.

Estas referências informam a proposta da Torre-Fonte para Nova Arez. A lição fundamental é a da multifuncionalidade e do simbolismo claro. Tal como os exemplos contemporâneos, a torre em Arez não deve ser um objeto meramente decorativo, mas um equipamento que conjuga uma função prática e comunitária com um valor simbólico e de orientação. A sua verticalidade, materialidade sensível e acessibilidade devem transformá-la no novo marco identitário do terreiro, um sinal claro no território que celebra o recurso essencial da água e a própria coesão da comunidade.

4.5. Mobiliário urbano, o sentido da escala humana

O mobiliário urbano constitui a interface mais próxima entre o corpo humano e o espaço público. O seu desenho, para além da ergonomia e durabilidade, determina as condições para o repouso, o encontro e a contemplação, sendo decisivo na transformação de um espaço em lugar. A análise de projetos contemporâneos revela como o banco, em particular, pode evoluir de um simples assento para um elemento estruturador de microexperiências, tanto no tecido urbano denso como na paisagem aberta.

Bancos Modulares na Praça Fonte Nova, Lisboa (Hugo Santos Silva com FG+SG, 2017):

Este projeto de requalificação de um vasto terreno em Benfica utilizou o mobiliário como ferramenta principal para organizar a escala e fomentar a vida social. Os bancos de betão não são peças soltas, mas elementos modulares e contínuos que definem o perímetro de "ilhas" programáticas (jardins, esplanadas, parque canino). Existem em quatro tipologias, retos, curvos e dois tipos de assento individual com diferentes inclinações, permitindo uma variedade de posturas (conversa em grupo, descanso solitário, observação). A sua materialidade robusta e a disposição criam nichos de atividade que convidam à apropriação informal, demonstrando como o mobiliário pode estruturar subespaços dentro de uma praça de grande dimensão e promover diferentes formas de convívio e permanência.

"Landscape", Lagoa das Sete Cidades, Açores (Mezzo Atelier, 2017):

Em contraste absoluto com o contexto urbano, esta intervenção na paisagem monumental dos Açores reinterpreta o banco como um instrumento de medição e contemplação. A peça de sete metros, esculpida em madeira de cryptomeria japonica e tratada com a técnica "Shou Sugi Ban". Mais do que um local para sentar, é um objeto que convida o corpo a alinhar-se com a sua dimensão, estabelecendo uma relação física e reflexiva com a vastidão da lagoa e da caldeira vulcânica. A sua lição é profunda: o mobiliário pode ser um mediador entre a escala do corpo humano e a escala da paisagem, promovendo uma experiência sensorial e introspetiva, onde o ato de sentar-se se torna um momento de leitura e conexão com o lugar.

Estes dois exemplos oferecem um leque de princípios fundamentais para a conceção dos bancos no Terreiro de Nova Arez. Da Praça Fonte Nova, retira-se a estratégia de utilizar bancos contínuos e modulares para definir zonas de estar e criar uma identidade unitária para o espaço. Do "Landscape", aprende-se a noção do mobiliário como mediador com a paisagem e promotor de contemplação.

5. Projeto



5.1. Estratégia Geral de Intervenção

A estratégia de intervenção parte de um princípio de minimalismo e precisão, procurando intervir no terreiro da Nova Arez com o menor número de elementos necessário para gerar o máximo impacto social e espacial. Em vez de um objeto único e dominante, propõe-se um sistema de peças complementares, uma Torre, uma Galeria, um Mercado e mobiliário urbano que, em conjunto, redefinem e ativam o espaço público. A implantação destas peças segue uma lógica de definição de limites e criação de percursos. A Galeria e o mercado consolidam um dos lados do terreiro, oferecendo uma fachada ativa e um abrigo. A Torre marca um ponto focal e uma entrada simbólica. Os bancos organizam zonas de estar. O objetivo é transformar o terreiro, de um espaço de passagem e estacionamento ocasional, numa sala exterior multifuncional da comunidade, densa em possibilidades de uso e socialização, enquanto mantém a sua abertura e relação visual com a paisagem envolvente.

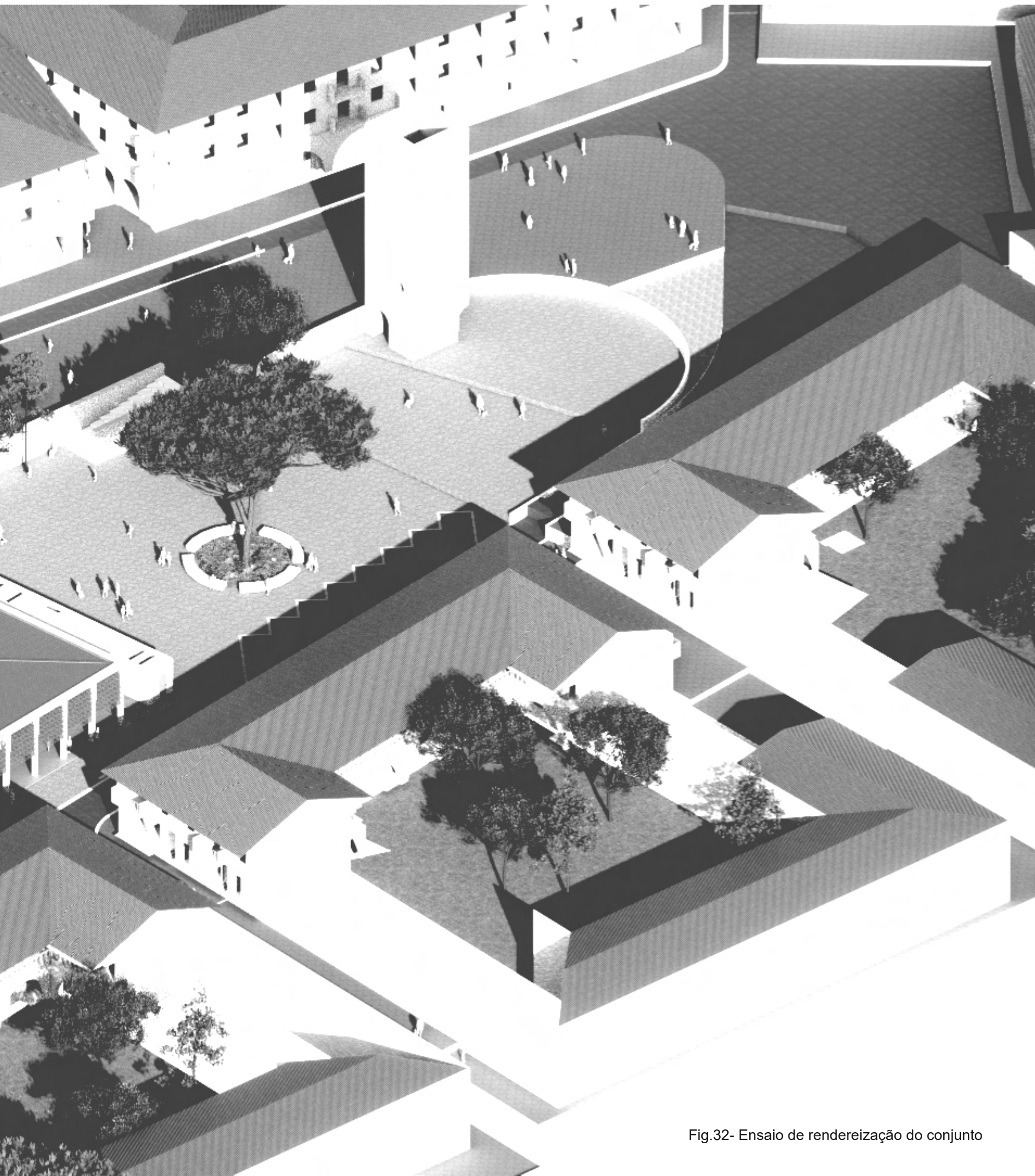
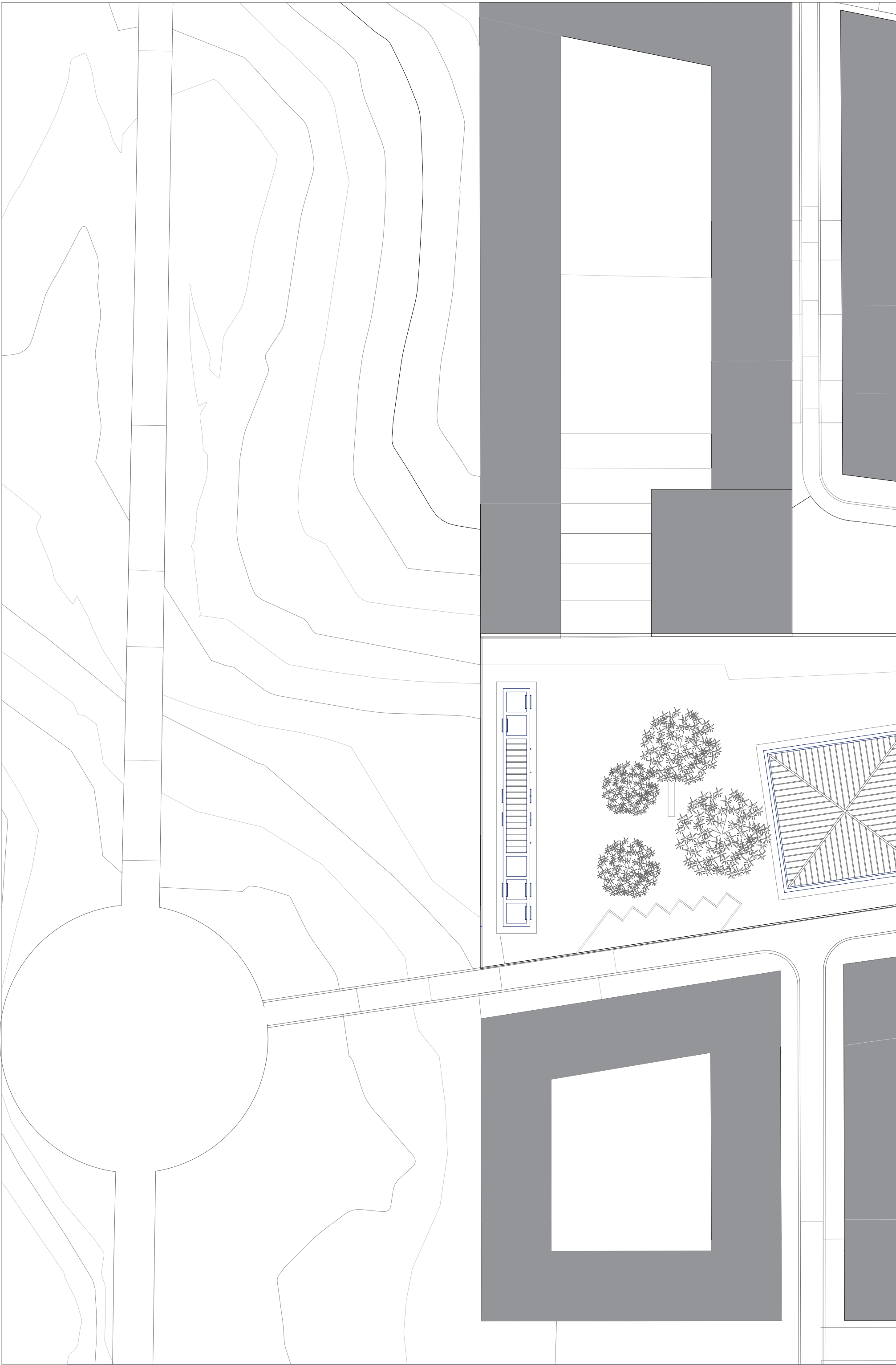
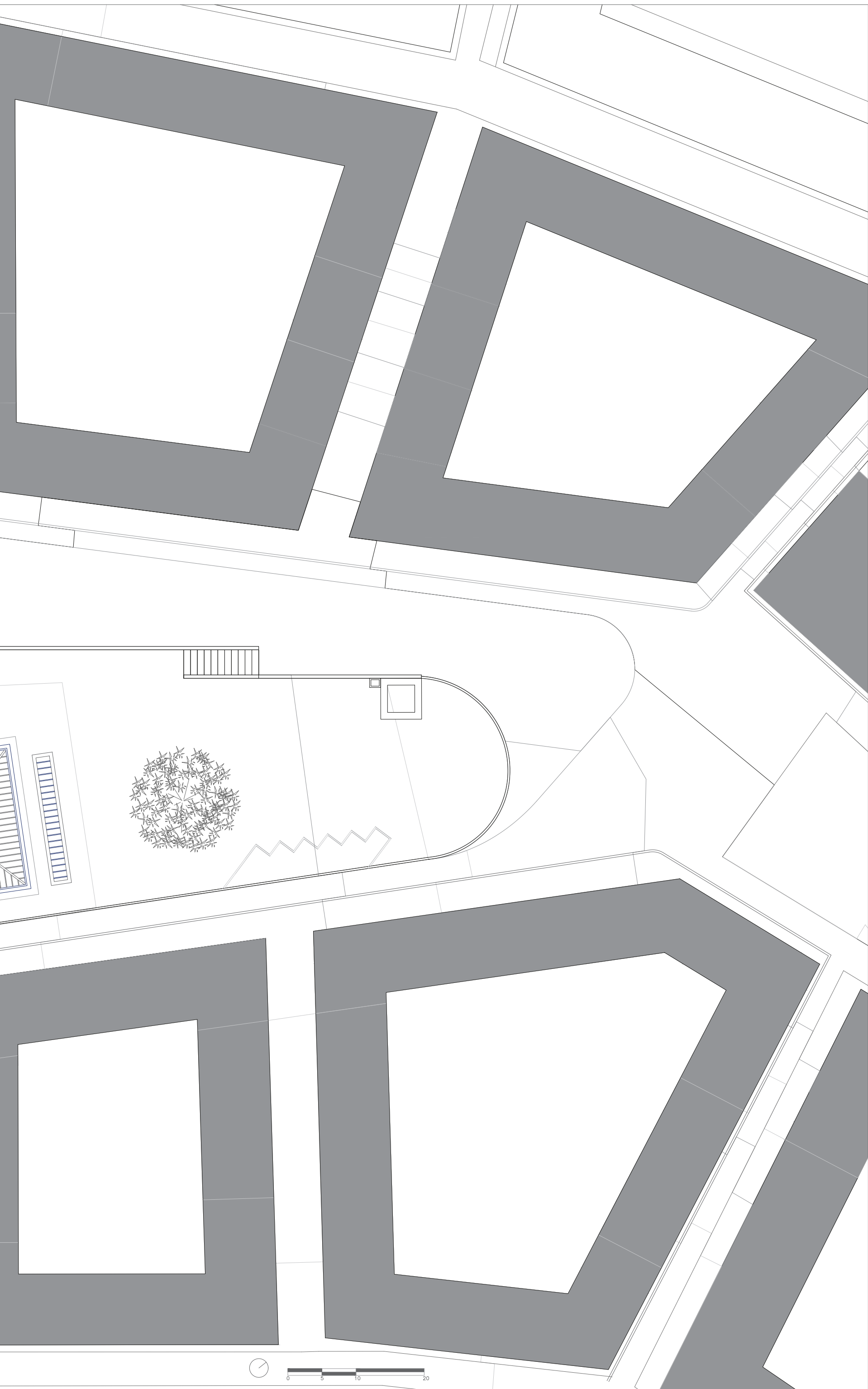
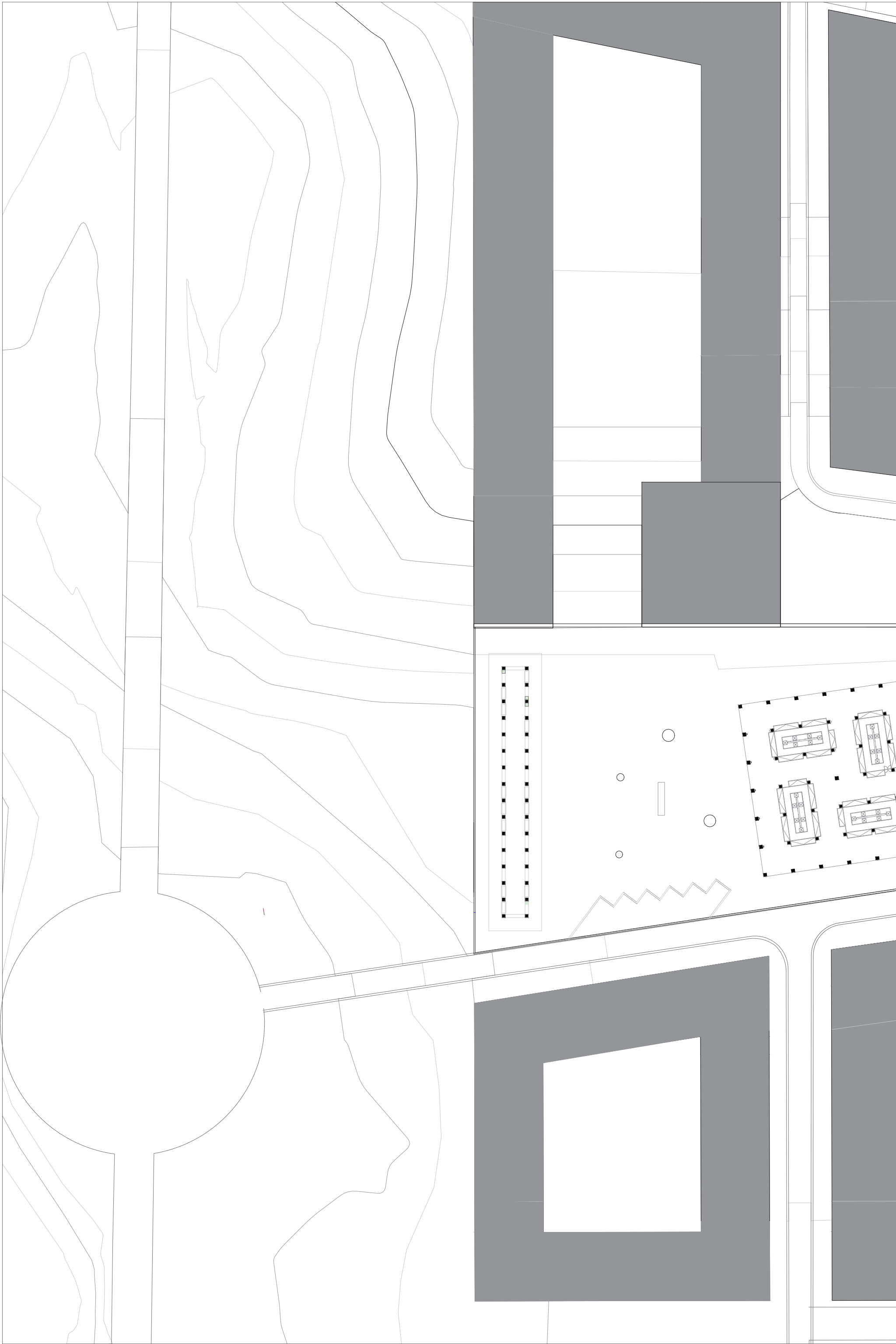
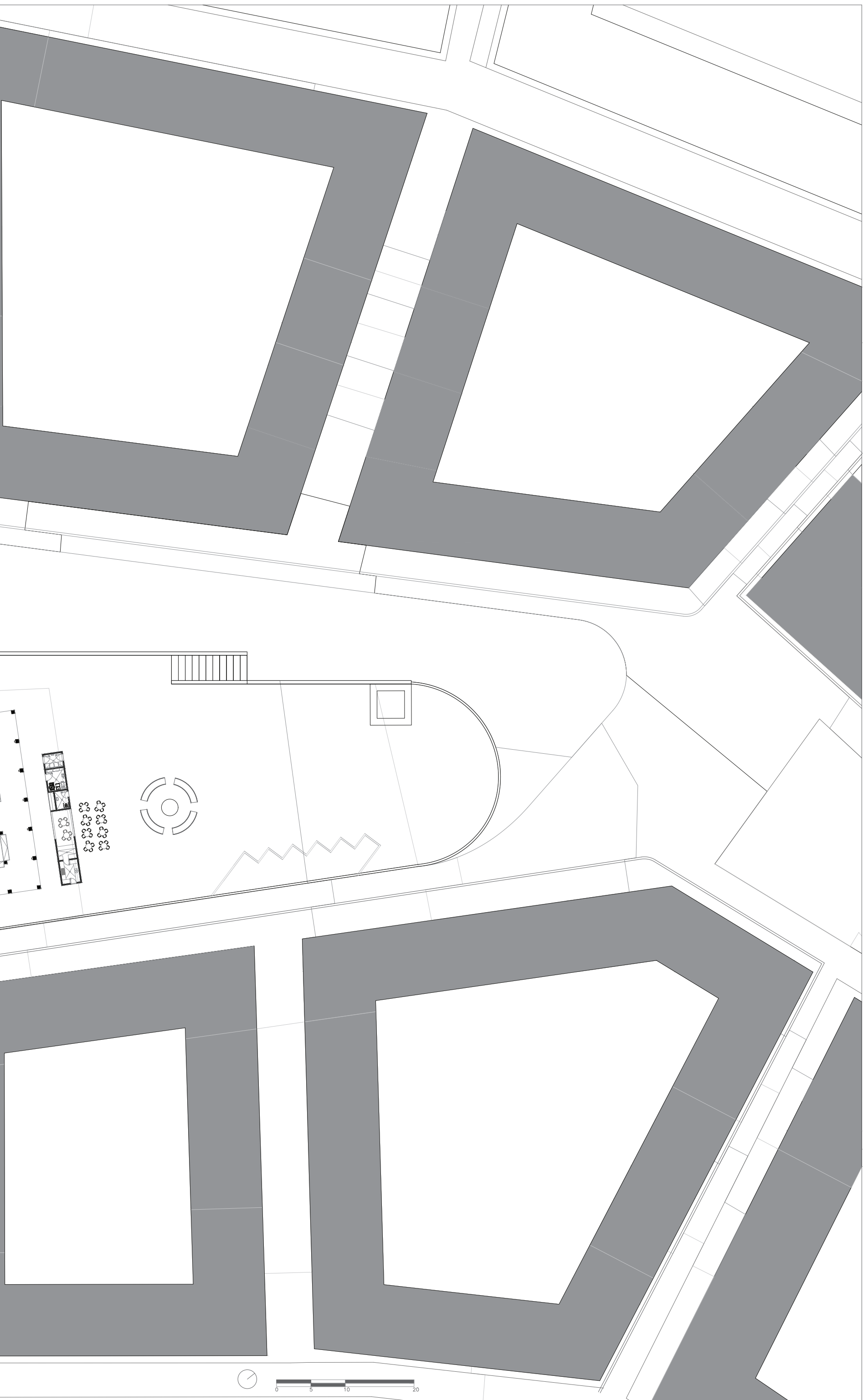


Fig.32- Ensaio de rendereização do conjunto



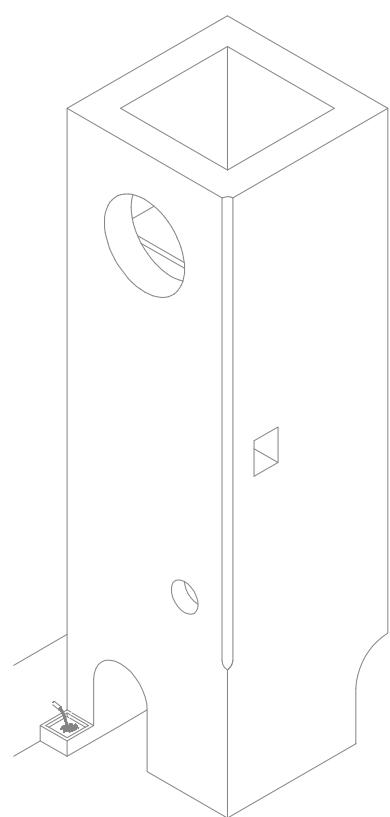




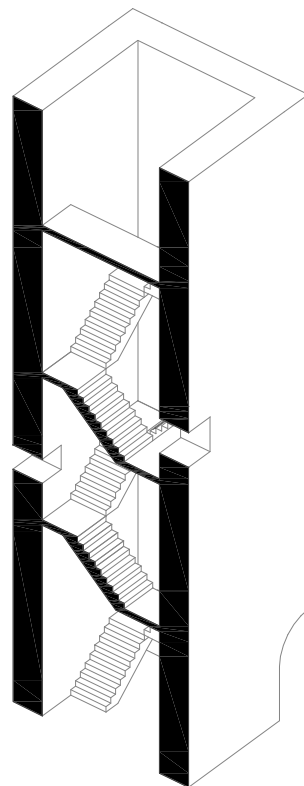




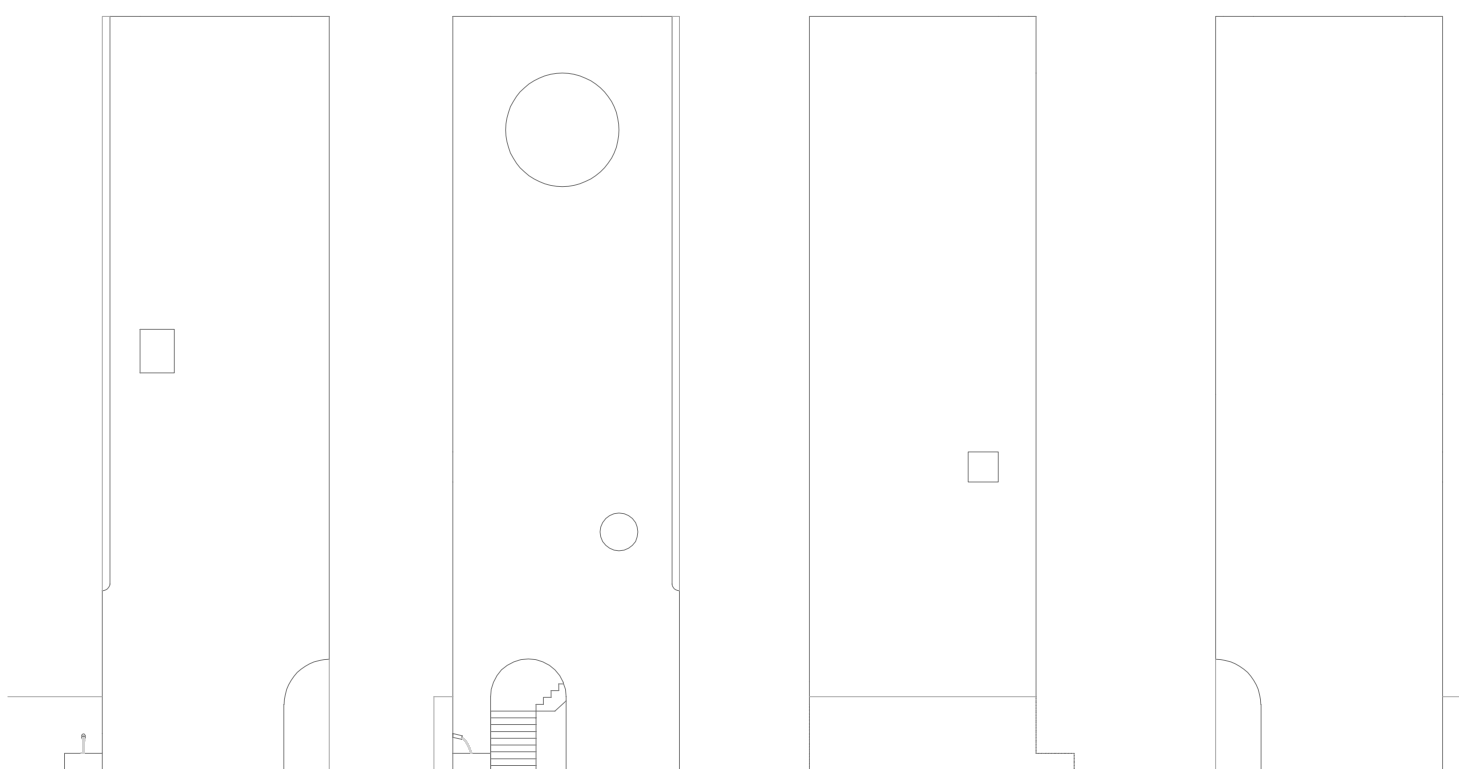
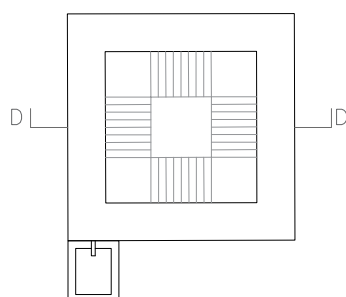




axonometria



corte D-D



alçados

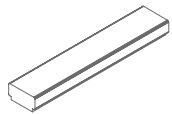
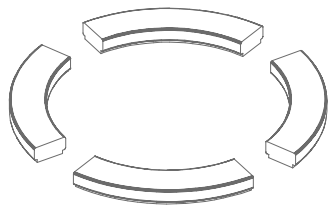


5.2. A Torre com fonte — marco e elemento de identidade

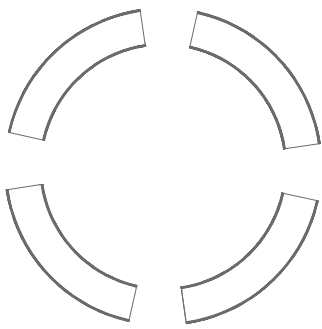
Uma estrutura vertical e esbelta, em betão branco, que evoca a simplicidade dos campanários rurais e a funcionalidade de um antigo chafariz. A sua altura permite que seja vista à distância, funcionando como um “farol” que identifica o núcleo comunitário.

A sua base integra uma fonte de água potável, resgatando o simbolismo histórico da água como ponto de encontro e recurso comunitário primordial. A torre não é apenas um objeto a observar, mas um equipamento a usar, que celebra a relação do lugar com o Rio Sado. Esta torre pode ser acessível e funciona como mirante.

A sua verticalidade contrasta deliberadamente com a horizontalidade da paisagem, criando uma referência inconfundível.



axonometrias



plantas



alçados



alçados

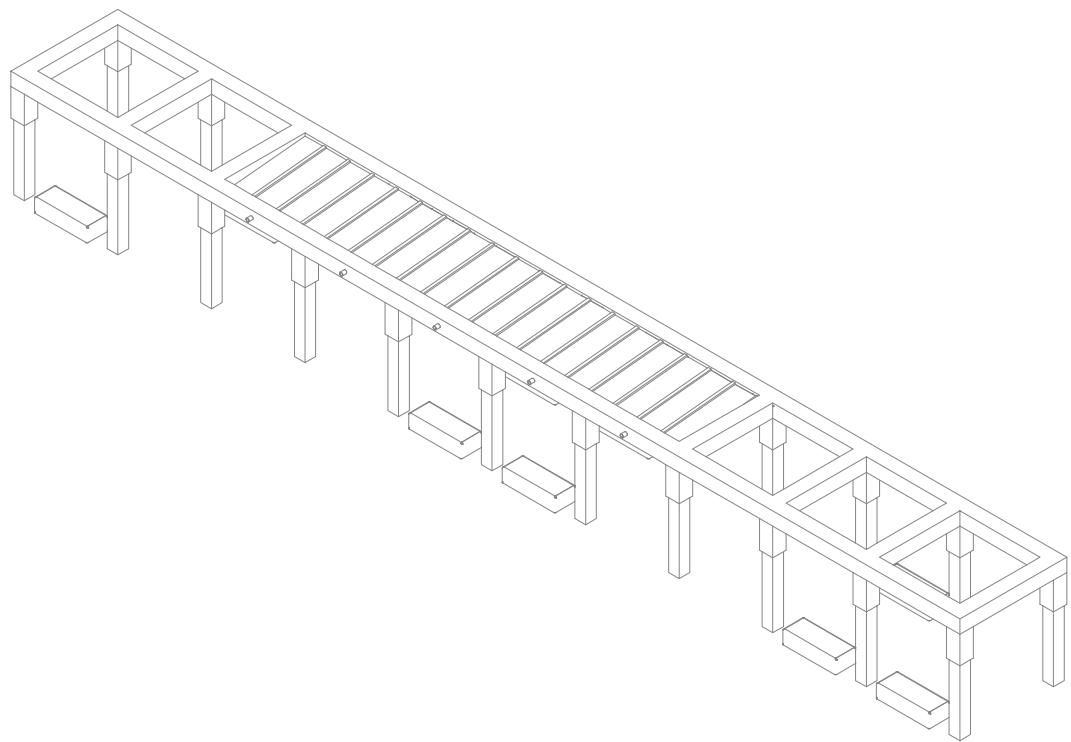


5.3. Os Bancos — Pontos de permanência e relação com o espaço

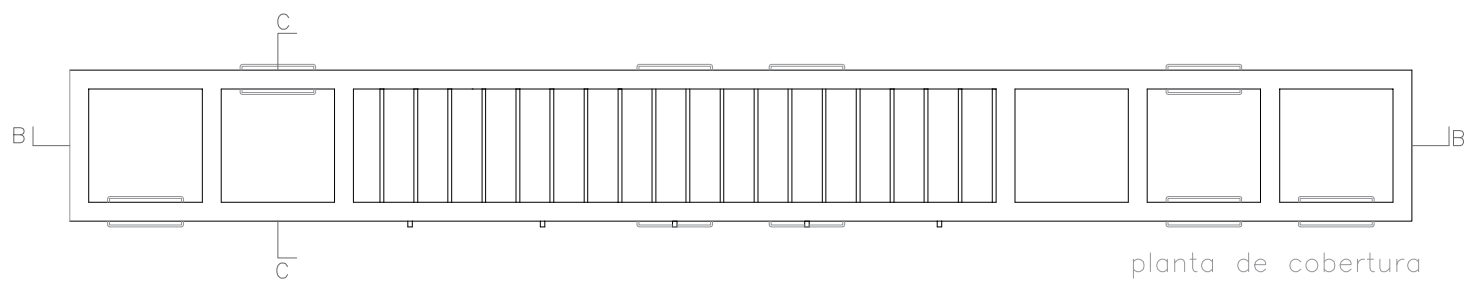
O mobiliário urbano é composto por dois grupos de bancos, o primeiro grupo é constituído por um banco linear debaixo das árvores entre a galeria e o mercado, e o outro grupo por bancos de planta circular, em volta de um grande pinheiro. Estes bancos são de betão e o seu desenho oferece conforto aos utilizadores. Não são peças soltas, mas elementos arquitetónicos que se relacionam com a natureza e as outras estruturas. O outro grupo dá apoio à galeria, sob a sua sombra.

Este mobiliário urbano, ajuda a estruturar o espaço ao definir zonas de estar. Alguns estão encostados à galeria; outros em pontos estratégicos no terreiro, virados para a paisagem ou para o centro da atividade. Promovendo diferentes formas de permanecer: o descanso solitário, a conversa em grupo, a espera e observação da paisagem.

Integração: São a interface mais direta com o habitante. O seu desenho, durabilidade e colocação incentivam a apropriação informal e prolongada do terreiro, transformando-o num verdadeiro lugar de estar, e não apenas de passagem.



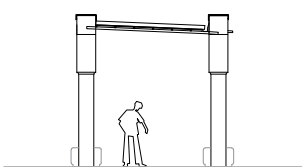
axonometria



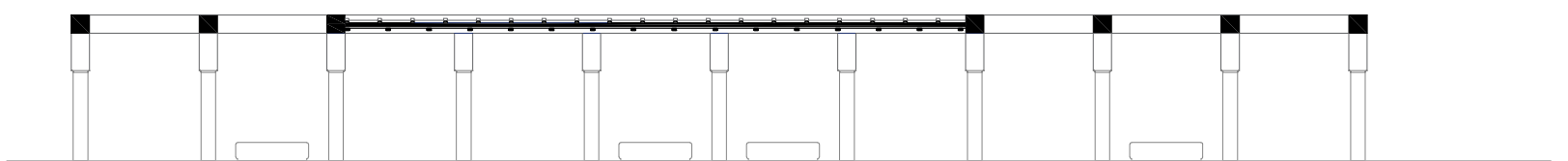
planta de cobertura



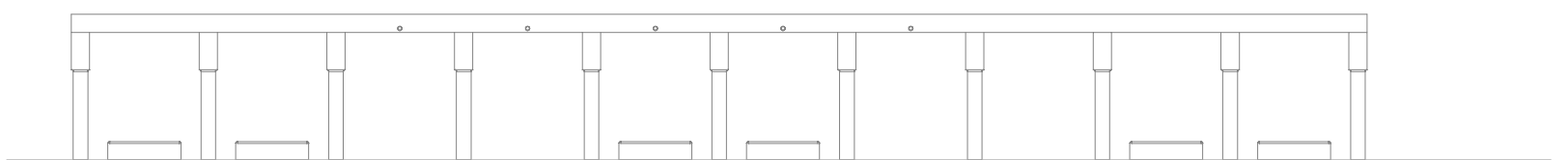
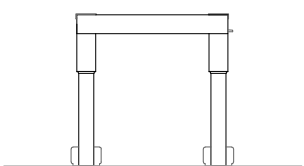
planta



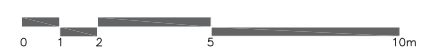
corte C-C



corte B-B



alçados

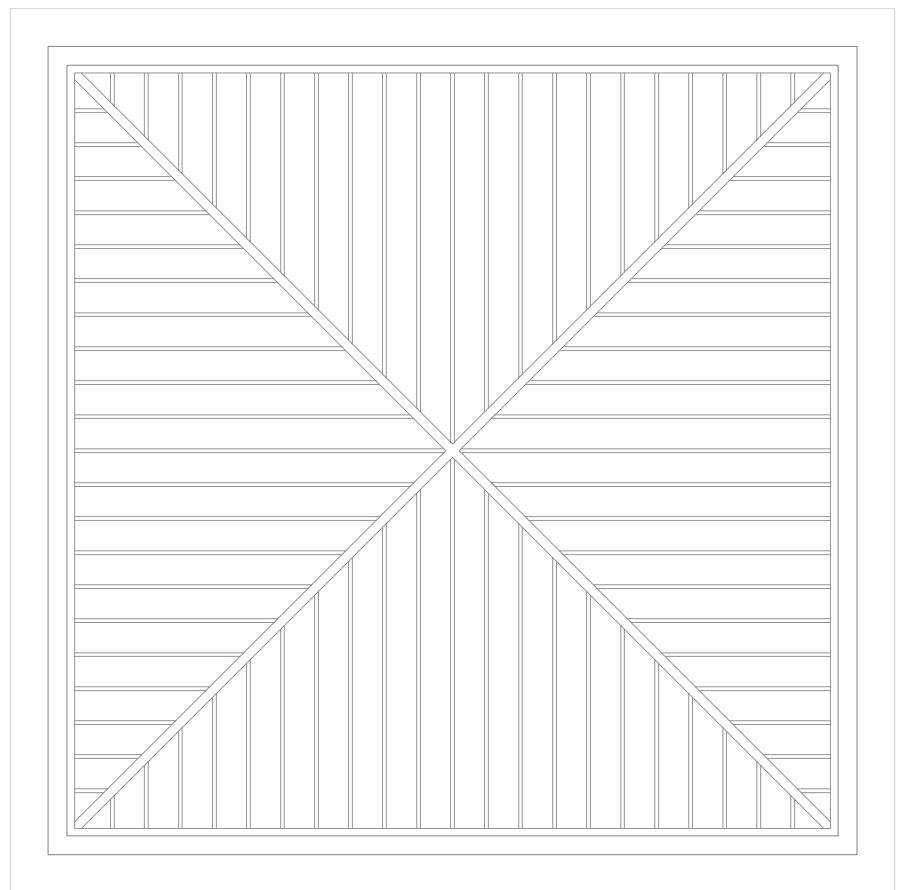


5.4. A Galeria — Espaço de transição e convívio

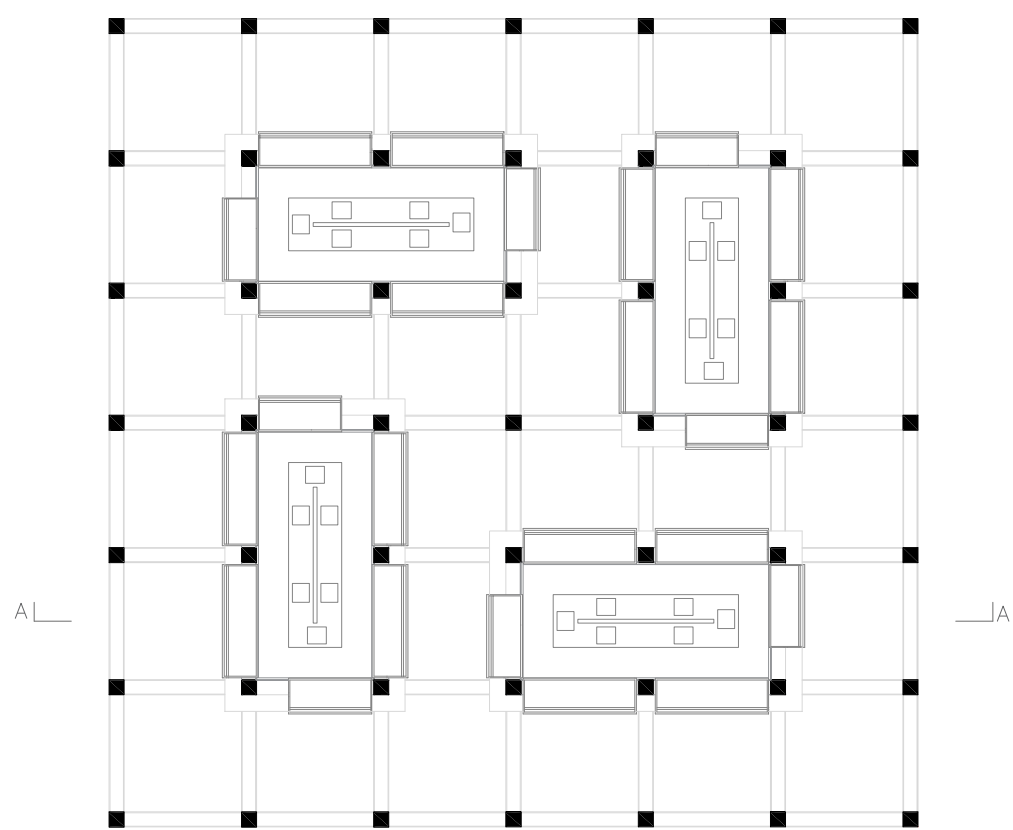
A galeria é caracterizada por ser uma estrutura longa e baixa, coberta, sustentada por uma sequência ritmada de pilares. De desenho minimal, a linguagem que transmite é contemporânea, mas austera ao mesmo tempo, usando materiais como o betão e a madeira.

Devido à sua posição, no início da Nova Arez, para além de marcar a sua entrada também cria uma fronteira permeável entre a Nova Arez e o pinhal e azinhal. Oferece um espaço de transição abrigado do sol e da chuva, ideal para passear, para pequenos eventos informais, ou para a extensão das atividades do mercado.

A galeria estabelece uma relação física e visual com o mercado, do qual pode ser uma extensão coberta. Cria um percurso sombreado ao longo do terreiro e uma fachada ativa que o protege sem o enclausurar.



planta de cobertura



planta



corte A-A



5.5. O Mercado — Edifício de apoio à comunidade

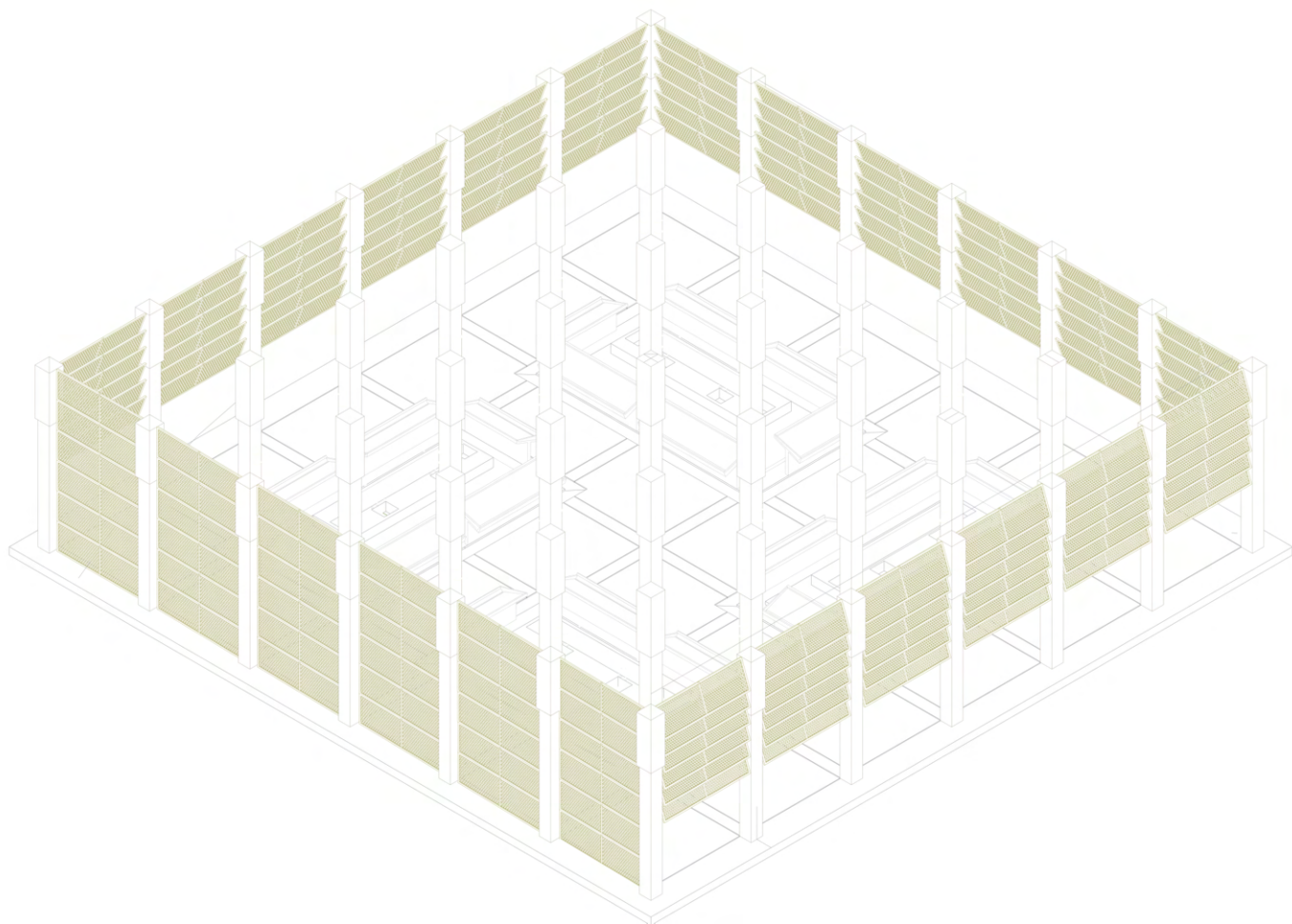
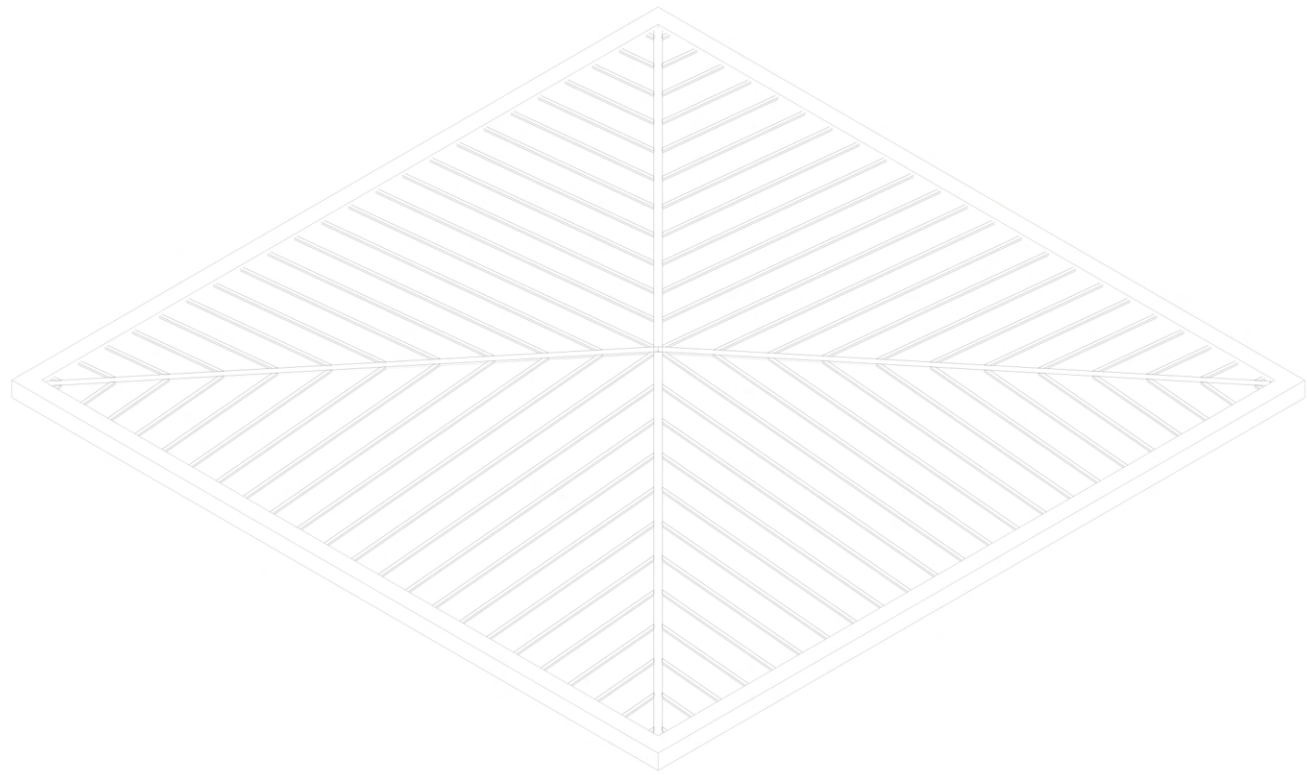
O mercado é concebido como um volume térreo e permeável, cuja organização espacial deriva de uma lógica clara e funcional. A sua planta é estruturada por uma malha regular definida pela posição dos pilares. Estas colunas, para além da sua função estrutural primordial, assumem um papel estético e arquitetónico decisivo ao estabelecerem um ritmo espacial ordenado que permeia todo o interior.

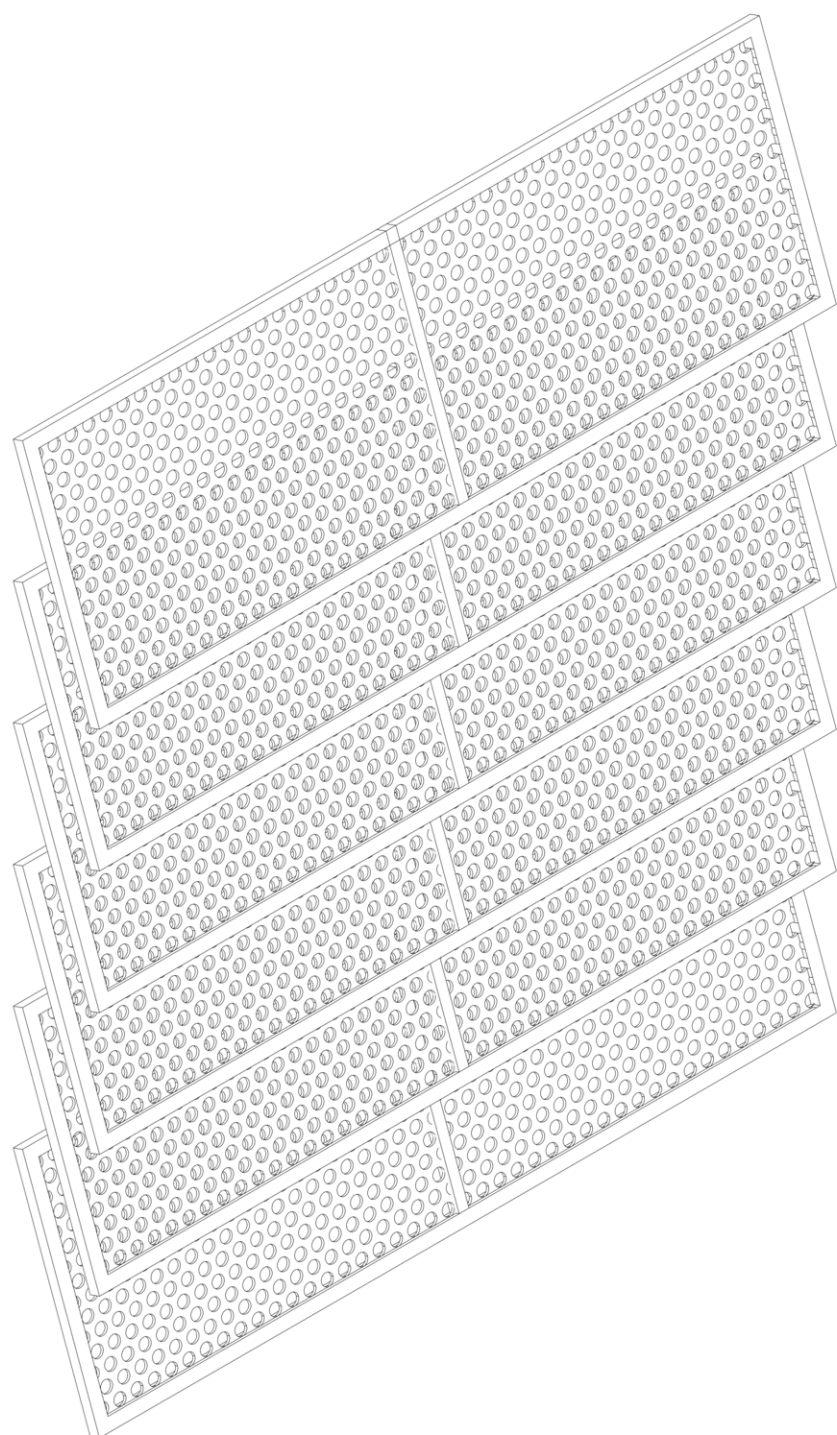
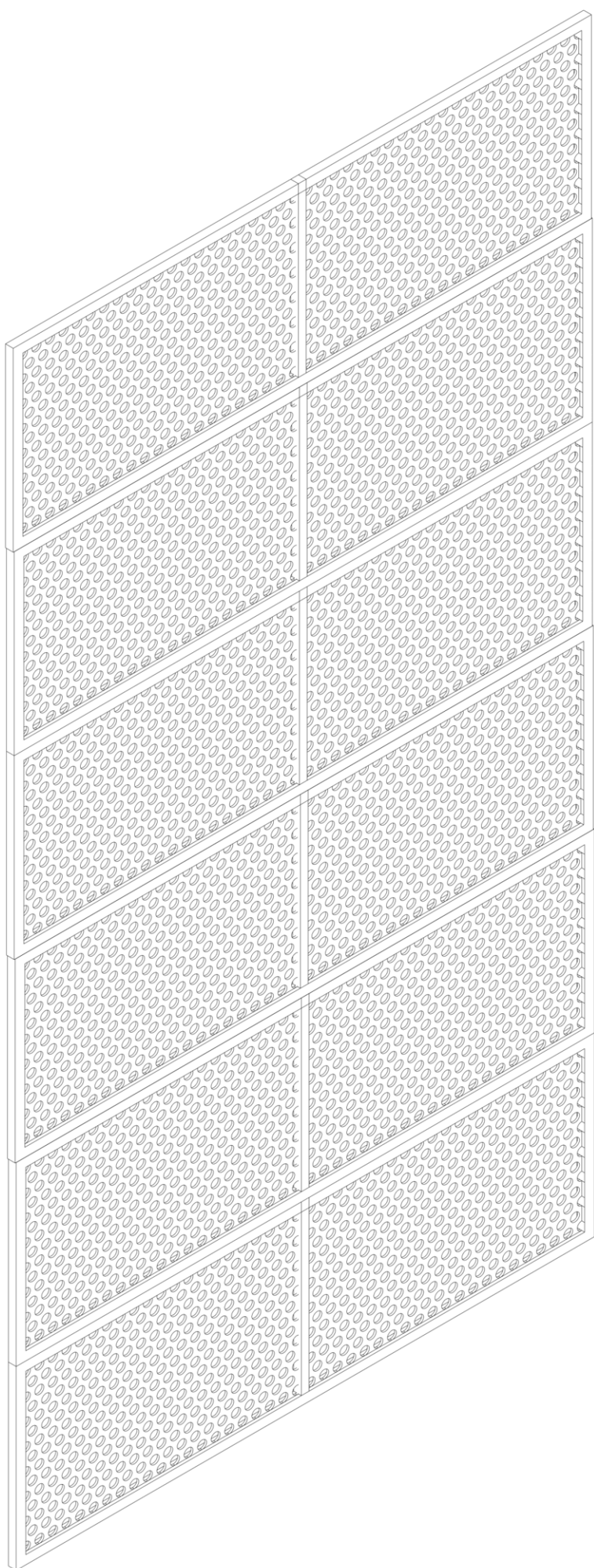
Este ritmo modular é complementado e enriquecido pela envolvente. As fachadas vêm a sua regularidade interrompida por um sistema de “shades”. Estes elementos, consoante a sua orientação e posição, desempenham uma dupla função: garantem o controlo solar e climático, enquanto criam uma relação visual permeável e dinâmica entre o interior e o exterior, filtrando a luz e convidando à descoberta do espaço interior a partir do terreiro.

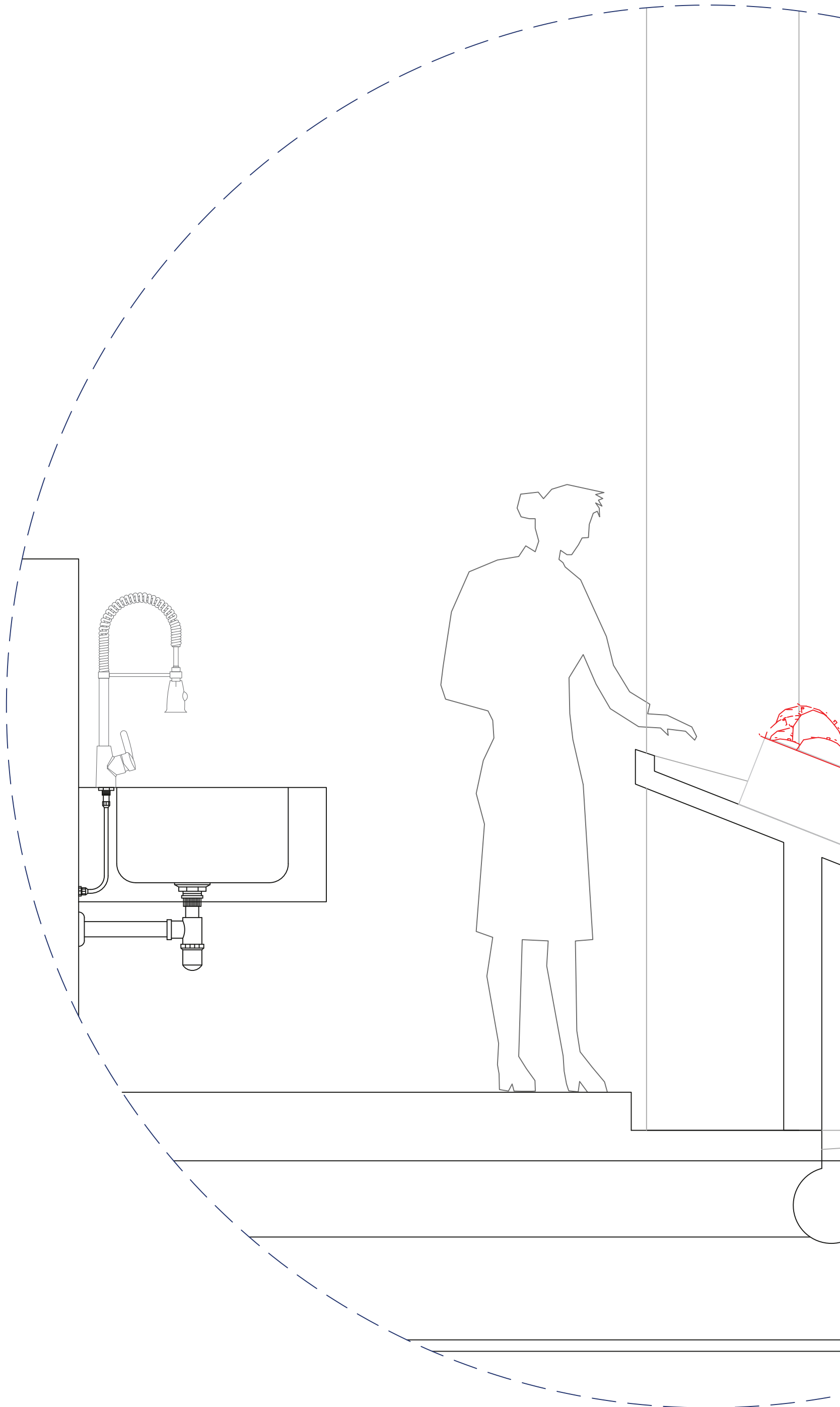
O programa organiza-se em torno de quatro “ilhas” de venda centralizadas. Cada ilha é composta por uma bancada central em alumínio, equipada com pias para a lavagem de produtos, funcionando como o núcleo utilitário da atividade. À sua volta, dispõem-se seis bancadas inclinadas, dedicadas à exposição dos produtos. A escolha do mármore polido para estas superfícies é fundamentada por dois critérios principais: a sua predominância e identidade regional, estabelecendo uma ligação material ao território; e as suas qualidades práticas de higiene e fácil limpeza, essenciais para um equipamento desta natureza.

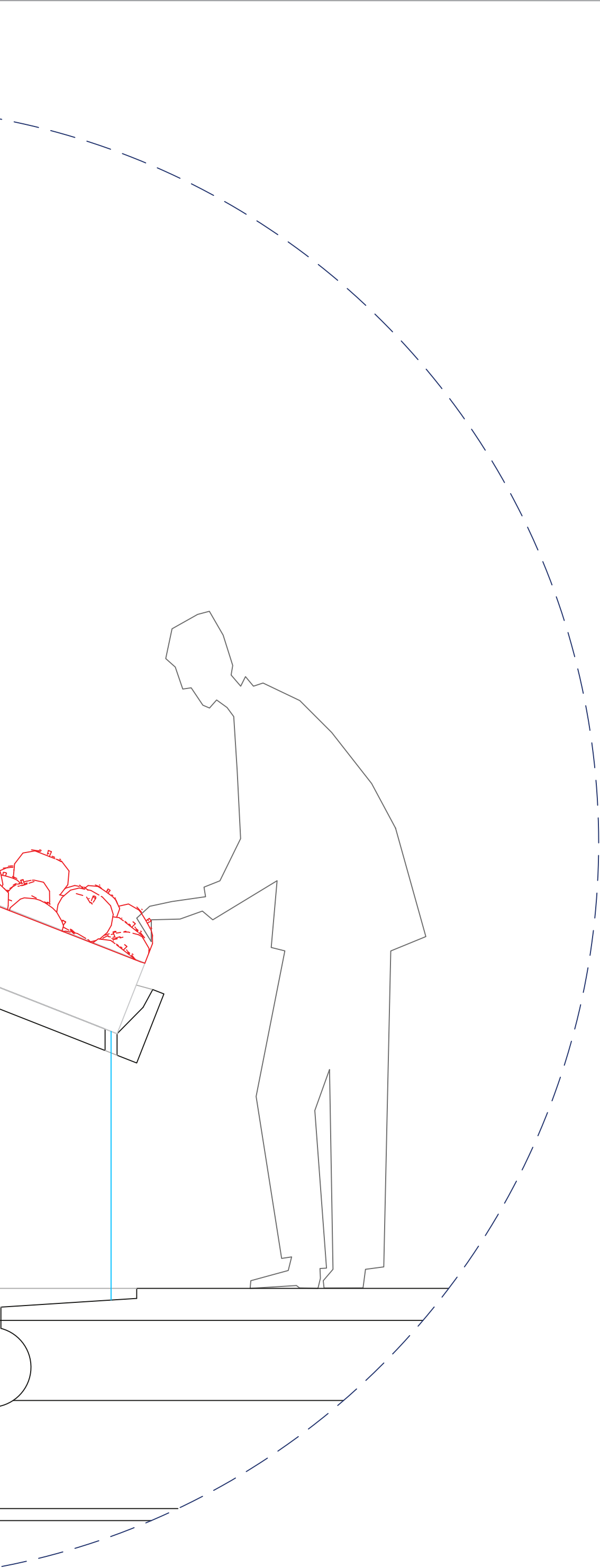
Anexo ao corpo principal do mercado, é proposto um volume técnico de apoio. Este bloco complementar acolhe funções necessárias à operação e conforto do conjunto: instalações sanitárias, um espaço de arrumos para lojistas e um pequeno bar. Esta última função amplia a utilidade do mercado, transformando-o também num local de convívio e pausa, reforçando o seu papel como infraestrutura social polivalente.

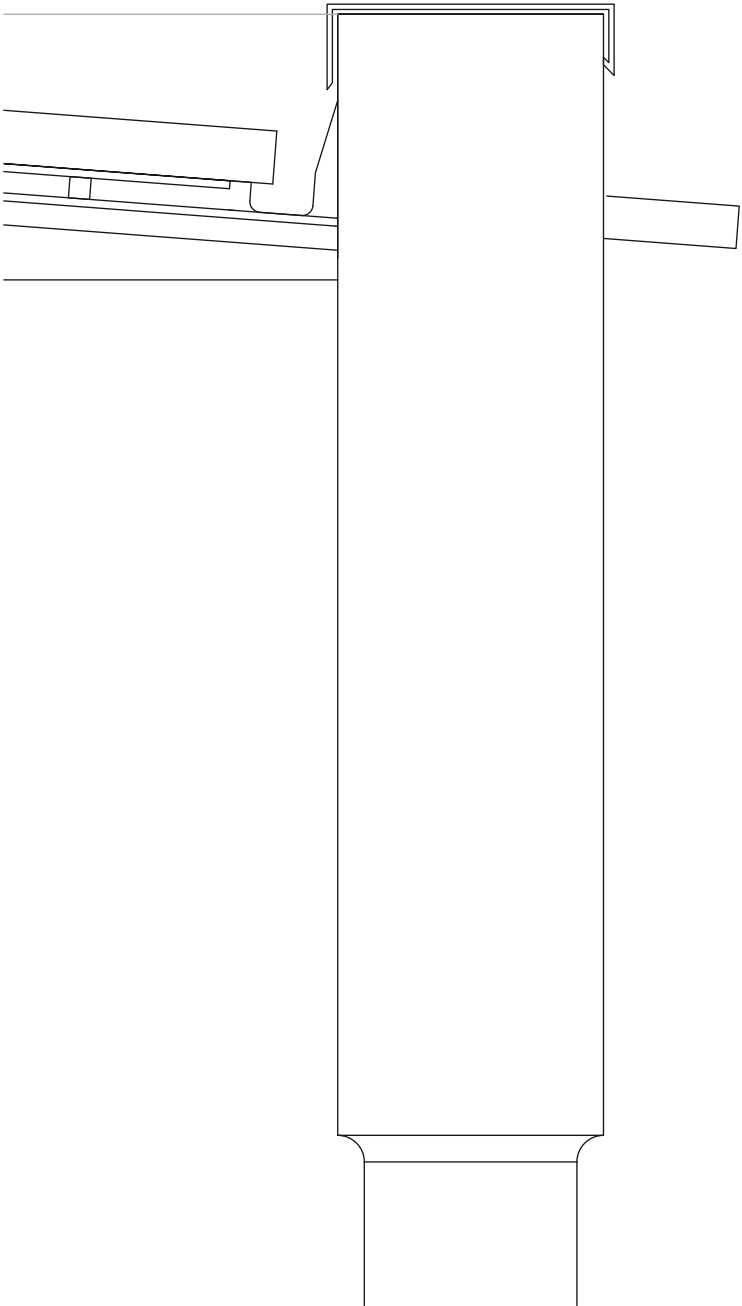
Em síntese, o mercado não é pensado como um edifício fechado, mas como uma infraestrutura comunitária aberta e flexível. A sua clareza organizacional, o diálogo entre a estrutura rítmica e os filtros de fachada, a materialidade contextual e a integração de serviços de apoio convergem para criar um equipamento que é simultaneamente eficiente na sua função, enraizado no seu lugar e gerador de atividade social prolongada.



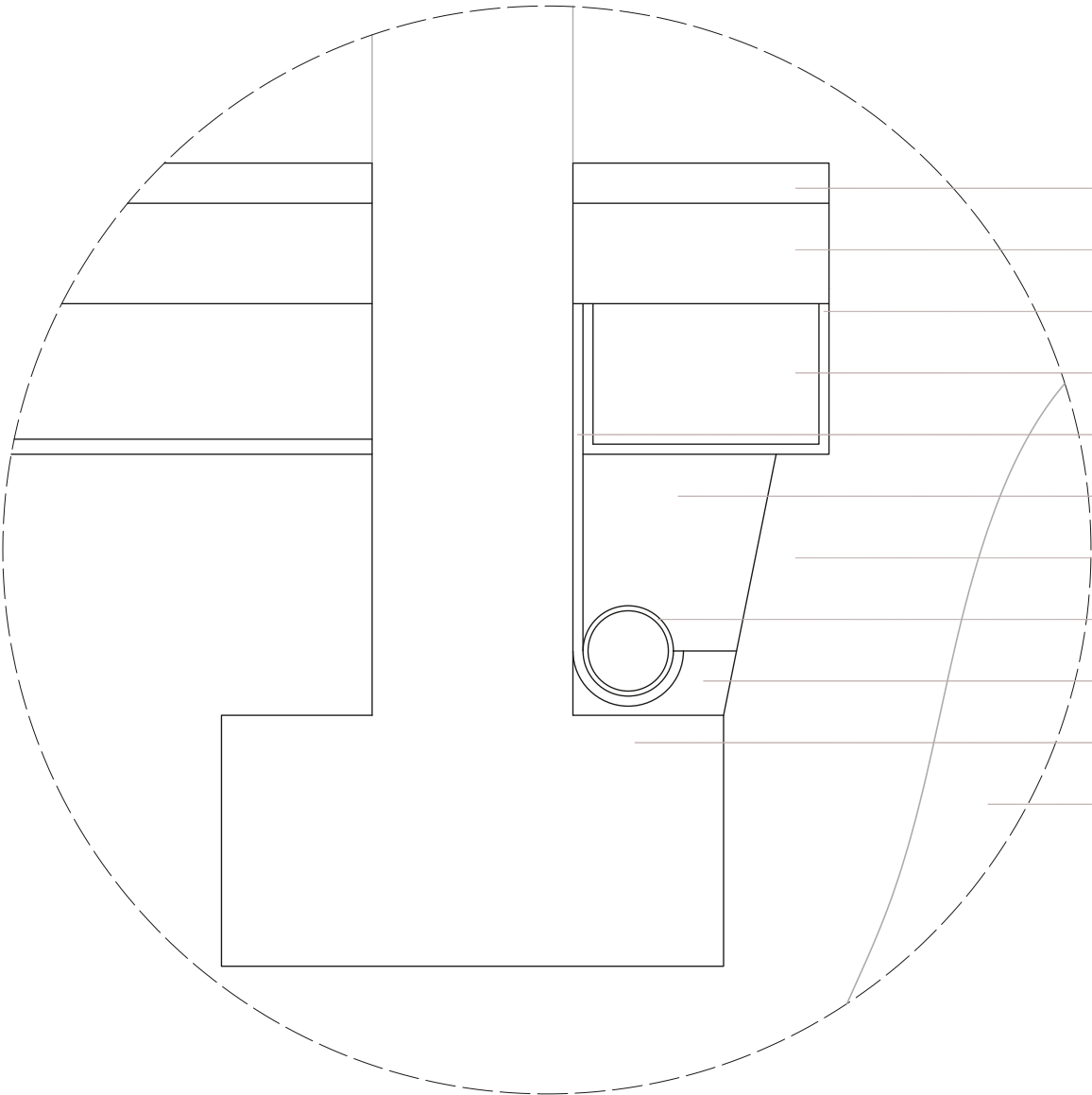






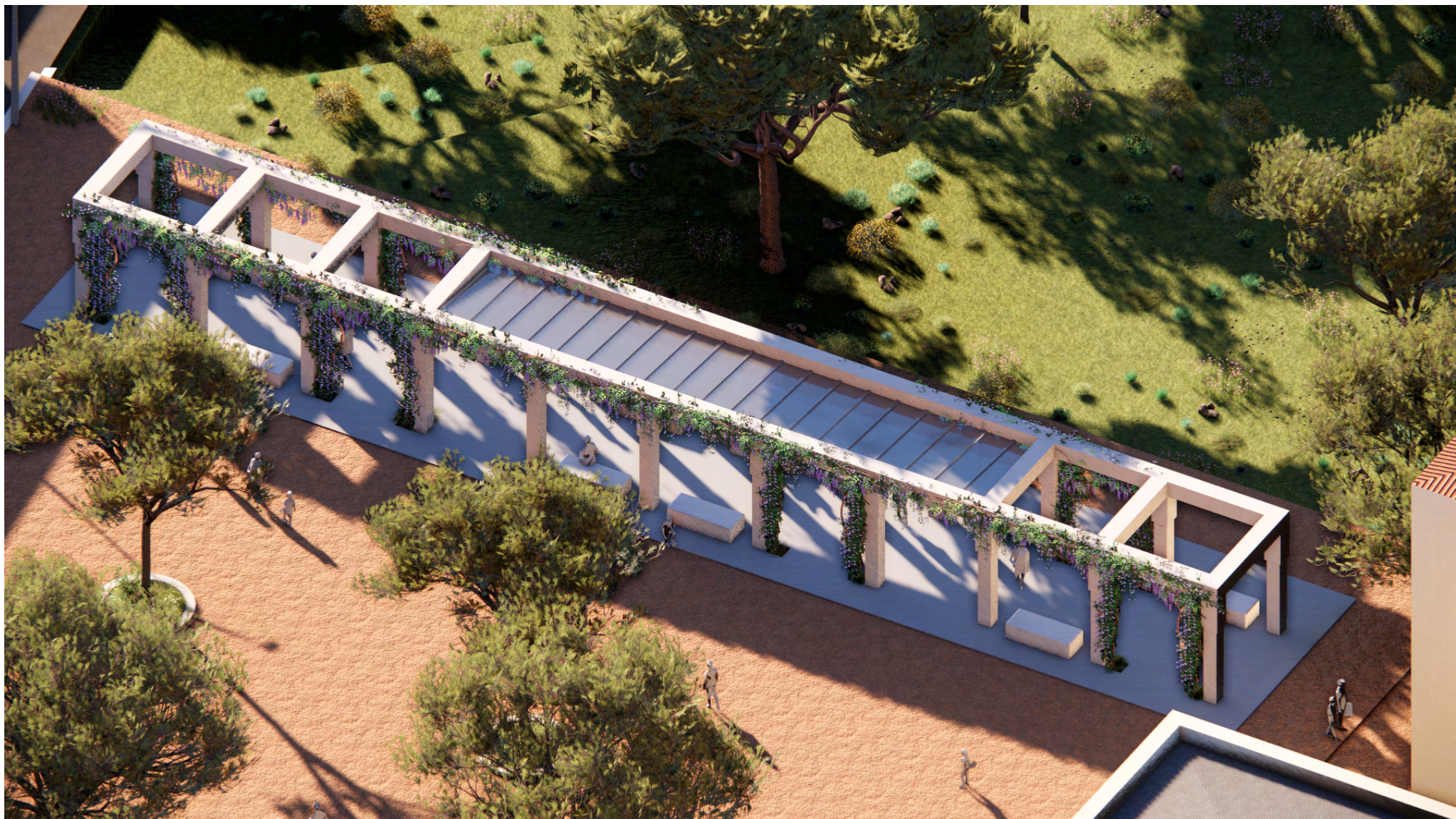


- 1-Rufo metálico com pingadeira
- Chapa de zinco
- Caleira embutida em zinco
- Ripado de madeira
- Membrana de impermeabilização
- Barrotes de madeira
- Pilar em betão armado de 50cm de espessura



- Betonilha afagada (8cm de espessura)
- Laje de betão armado (20cm de espessura)
- Manta geotextil
- Tout-venant
- Membrana de impermeabilização
- Aglomerado britado
- Solo compactado
- Geo-dreno
- Camada de areia
- Sapata
- Solo vegetal







4

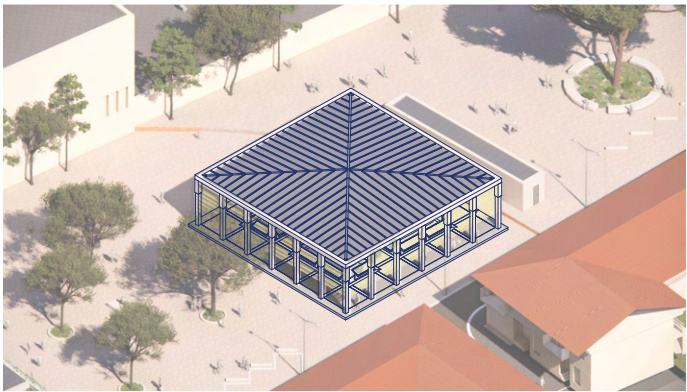








8



9













6. Conclusão

6.1. Síntese dos Resultados

Esta investigação propôs um ensaio projetual à crise do espaço público e do convívio em territórios rurais afetados pelo despovoamento, tomando a aldeia de Arez como caso de estudo. O percurso partiu de uma análise do território da bacia do Sado, passando pela leitura da identidade local e pelo contexto do atelier académico, para culminar numa proposta concreta para o Terreiro de Nova Arez.

Os resultados principais materializam-se num sistema de peças arquitetónicas precisas — uma Torre com fonte, uma Galeria, um Mercado comunitário e mobiliário urbano— que, em conjunto, redefinem o espaço público. Esta intervenção demonstra como a arquitetura, através de uma estratégia de mínima intrusão e máxima eficácia social, pode ativar um lugar. O projeto transforma o terreiro, de um espaço residual, num dispositivo cívico multifuncional que incentiva o encontro, suporta a economia local e reforça a identidade comunitária, tudo isto mantendo um diálogo sensível com a paisagem envolvente.

6.2. Contributos do Projeto para o Espaço Público

O principal contributo desta tese pretende ser a possibilidade de considerar como modelo replicável de intervenção para pequenos núcleos rurais.

Programaticamente, (re)introduz o mercado não como um equipamento isolado, mas como o coração de um sistema de espaços públicos.

Tipologicamente, reinterpreta elementos tradicionais (a Torre-fonte, a Stoa) com uma linguagem contemporânea, mostrando como a identidade pode ser reinterpretada.

Socialmente, ao argumentar, através do projeto, que a qualidade do espaço coletivo é tão vital quanto a quantidade de habitação para a revitalização comunitária. A proposta apresenta a arquitetura como uma infraestrutura de coesão social indispensável para a vida em comunidade.

7. Considerações Finais

7.1. Reflexão Pessoal sobre o Processo

O desenvolvimento desta dissertação foi um processo de aprendizagem profunda que transcendeu o exercício académico. A metodologia revelou-se fundamental, demonstrando que as investigações teóricas e históricas não antecedem o projeto, mas com ele se entrelaçam num ciclo contínuo de descoberta. A experiência do atelier coletivo foi particularmente valiosa, pois expôs a riqueza de múltiplas perspetivas sobre um mesmo lugar, ensinando que uma solução robusta é aquela que sobrevive ao escrutínio crítico e ao contraponto de alternativas. Este processo reforçou a convicção de que a arquitetura é, acima de tudo, uma disciplina de responsabilidade social, cujo valor se mede pela sua capacidade de melhorar a vida coletiva e de interpretar com sensibilidade o espírito de um lugar.

7.2. Possíveis Desdobramentos e Continuidade do Trabalho

Este trabalho abre portas a diversas linhas de continuidade:

O projeto conceptual poderia evoluir, com estudos detalhados de estruturas, materiais locais, custos e um modelo de gestão comunitária para o Mercado.

Em contextos semelhantes, esta estratégia do "sistema de peças" (programa distribuído) poderia ser testada e adaptada noutras aldeias com desafios semelhantes, constituindo um catálogo de intervenções para a revitalização de centros rurais.

Este trabalho pode também contribuir para o debate sobre políticas públicas de habitação e coesão territorial, defendendo a necessidade de financiamento e apoio técnico não só para a construção de casas, mas para a criação de infraestruturas de vizinhança que as tornem verdadeiramente habitáveis.

Assim, a dissertação não se pretende um ponto final, mas uma proposta fundamentada e um instrumento para futuras ações, académicas, profissionais ou cívicas, que possam contribuir para um desenvolvimento territorial mais equilibrado e comunitário.

8. Índice de Figuras

Terreiro e conjunto urbano: 1 14

Mercado: 8 9 10 11 12 13

Torre: 14

Galeria: 2 3 4 5 6 7

9. Bibliografia

Livros, Artigos, Teses

- Carrilho da Graça, J. L. (2007). Praça da Liberdade, Guimarães. In A. Tostões (Ed.), João Luís Carrilho da Graça (pp. 134-141). Blau.
- Ferrão, J. (2001). O ordenamento do território como política pública. Fundação Calouste Gulbenkian.
- Frampton, K. (2002). História crítica da arquitetura moderna. Martins Fontes.
- Jacinto, R. (2008). Espaços rurais e desenvolvimento local. Edições Colibri.
- Jacobs, J. (2011). Morte e vida de grandes cidades (3ª ed.). Martins Fontes.
- Krier, L. (2009). The architecture of community. Island Press.
- Malhador, I. M. (2021). Abrigo sobre as dunas: um novo modo de habitar temporário no estuário do Sado [Dissertação de mestrado, Universidade de Coimbra]. Repositório da Universidade de Coimbra.
- Miralles, E., & Tagliabue, B. (2005). Mercado de Santa Caterina, Barcelona, Espanha. *El Croquis, 121/122*, 4-83.
- Moller, T. (2007). Punta Pite, Chile. In G. Batlle (Ed.), Teresa Moller: landscape in translation (pp. 45-59). Gustavo Gili.
- Nouvel, J. (2005). Torre Agbar, Barcelona. Architectural Design, 75(6), 24-31.
- Smithson, A., & Smithson, P. (1991). Markers on the line, Canavaccio, Urbino, Itália. Architectural Design, 61(1/2), 16–21.
- Solà-Morales, M. (2008). De cosas urbanas. Gustavo Gili.
- Souto de Moura, E. (2010). Mercado Municipal, Braga, Portugal. *A+U - Architecture and Urbanism, 12*(487), 26-35.
- Souto de Moura, E. (2005). Complexo Municipal, Matosinhos. *2G Revista Internacional de Arquitectura, 35*, 104-115.
- Terán, F. de. (2019). Ruralismo: una alternativa de futuro. Abada Editores.
- Teixeira Claro, S. (2020). Aquae Ducto: proposta de percurso para a Água de Prata [Dissertação de mestrado, Universidade de Évora]. Repositório da Universidade de Évora.
- Camp, J. M. (2001). The archaeology of Athens. Yale University Press.
- Constant, C. (1994). The Woodland Cemetery: toward a spiritual landscape. Bygghörlaget.
- Hillenbrand, R. (1994). Islamic architecture: form, function, and meaning. Edinburgh University Press.
- MacDonald, W. L. (1982). The architecture of the Roman Empire: an introductory study. Yale University Press.
- Souto de Moura, E. (2011). Eduardo Souto de Moura: obra completa. El Croquis.
- Távora, F. (1993). Fernando Távora. Blau.

WEBGRAFIA (Documentos Oficiais e Dados e Artigos)

Câmara Municipal de Alcácer do Sal. (2023). Plano Diretor Municipal de Alcácer do Sal – Revisão. Disponível em: <https://www.cm-alcacerdosal.pt> (Urbanismo)

Instituto Nacional de Estatística (INE). (2021). Censos 2021 – Resultados Provisórios. Disponível em: <https://www.ine.pt>

Sistema Nacional de Informação de Recursos Hídricos (SNIRH). (2023). Plano de Gestão da Região Hidrográfica do Sado e Mira (RH6). Agência Portuguesa do Ambiente. Disponível em: <https://www.apambiente.pt>

ArchDaily. (2020, 24 de janeiro). Galyateto Lookout Tower / NARTARCHITECTS. Disponível em: <https://www.archdaily.com>

Câmara Municipal de Vila Viçosa. (s.d.). Património: Praça da República. Disponível em: <http://www.cm-vilavicosa.pt>

Menezes, J. F. (2011). Largo Adelino Amaro da Costa: reabilitação urbana [Documento de projeto não publicado ou página web? Especificar]. Se não tiver editora/URL visível, sugerido citar como comunicação pessoal ou nota.

Mezzo Atelier. (2017). Landscale: intervenção nas Sete Cidades. Disponível em: <http://www.mezzoatelier.com>

Silva, H. S. (2017). Requalificação da Praça de Fonte Nova. ArchDaily Portugal. Disponível em: <https://www.archdaily.com.br>

Zecc Architecten. (2012). Water Tower Sint Jansklooster. Disponível em: <https://www.zecc.nl>